

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

N.^{os} 1 e 2

SUMMARIO. — Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes: actas das sessões da Assembléa Geral de 28 de Novembro, 19 de Dezembro de 1897, 22 de Janeiro e 6 de Fevereiro de 1898. — Monumento a D. Maria I: Discurso proferido na Camara dos Dignos Pares, pelo sr. Francisco Simões Margiochi. — Pelourinho dos Arcos-de-Valdevez, pelo sr. Felix Alves Pereira. — Mafra, Convento, Mosteiro, pelo sr. J. Gomes. — Noticias archeologicas, pelo sr. E. Rocha Dias. — Relatorio sobre a Bibliotheca da Associação, pelo sr. Visconde da Torre da Murta. — Um monumento bysantino-latino em Portugal, pelo sr. Ernesto Korrodi. — Elogio historico do architecto e engenheiro-mor do Reino, Manoel da Maia, lido na sessão solemne da Associação dos Architectos Civis Portuguezes, em 25 de Março de 1867, pelo socio artista Joaquim da Costa Cascaes. — Extracto dos officios enviados á commissão, que a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, encarregou de redigir a representação ao Governo ácerca dos monumentos nacionaes.

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS
E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Sessão da Assembléa Geral em 28 de Novembro
de 1897.

Presidencia do Ex.^{mo} Sr. Conde de S. Januario.
Secretario, Rocha Dias.

Compareceram, além da mesa, os Ex.^{mos} Srs.
Valentim José Corrêa, Francisco Parente, Adães
Bermudes, Silva Leal, Liberato Telles, Rosendo
Carvalho, Cavalleiro e Sousa, Jesuino Ganbado,
Soares O'Sulivand e Dr. Sousa Viterbo.

Abertura, pouco depois da uma hora da tarde.

Foi lida e approvada a acta da sessão de 7 de
novembro corrente.

Mencionou-se a seguinte correspondencia:

Uma carta do sr. Conde de Marsy, presidente
da Sociedade franceza de archeologia para a con-

servação dos monumentos historicos, accusando a
recepção de outra que pelo nosso Ex.^{mo} Presidente
lhe foi dirigida em 5 d'este mez e renovando o seu
empenho em continuar estreitamente as relações
que a ligam á nossa Associação. Para confirmação
d'esta alliança, declarava o sr. conde de Marsy que
brevemente proporia o ex.^{mo} sr. Conde de S. Ja-
nuario para substituir Possidonio da Silva na classe
dos membros estrangeiros d'aquella Sociedade. Re-
feria-se tambem aquelle nosso illustre consocio á
proxima commemoração do descobrimento da India,
um dos factos mais gloriosos dos annaes de Portu-
gal, que tão grande influencia teve no desenvolvi-
mento da civilisação no extremo Oriente; e parti-
cipava que era seu intento estudar, mais detida-
mente do que pôde fazel-o em 1883, os importantes
monumentos do nosso paiz, por occasião das festas
do centenário.

Um officio do rev.^{mo} Bispo de Bragança agrade-
cendo a approvação e louvor que esta Associação
prestou á sua pastoral de 15 de Outubro ultimo,
sobre archeologia.

Um officio do ex.^{mo} sr. Abel Botelho, agrade-

cendo a sua eleição para socio effectivo ; e uma carta de Mr. Alphonse de Witte, bibliothecario da Sociedade Real de Numismatica da Belgica expressando tambem a sua gratidão por ter sido eleito socio correspondente.

Officio do ex.^{mo} sr. Ernesto da Silva, thesoureiro da nossa Associação, informando a assembléa de que não podia satisfazer o pedido da Camara Municipal de Elvas, por não haver completa nem uma só collecção dos *Boletins*, t. I a VI. — Resolveu-se responder n'esta conformidade ao officio da referida Camara.

Leu-se na mesa a seguinte declaração de offerecimento :

«Senhores. — Havendo-me dado o Sr. General Augusto Bom de Sousa uns desenhos de estudo para a construcção de varios templos, elaborados pelo seu fallecido Tio, o distincto architecto Francisco Xavier Fabri, um dos benemeritos que foram incansaveis na lida da reconstrucção da cidade de Lisboa, em consequencia do terremoto de 1755 ; e julgando ser conveniente reunir no archivo d'esta Associação todos os elementos que possam servir para esclarecer a historia da arte no nosso paiz, ou se prestem a conhecer do merito dos seus obreiros, tenho a honra de offerecer os referidos desenhos para o mencionado fim. — Sessão d'Assembléa Geral da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, 28 de novembro de 1897. — (a) O socio *Valentim José Corrêa*.»

O sr. Presidente expressou em nome da Assembléa o devido agradecimento por esta apreciavel offerta.

O sr. Cavalleiro e Sousa offereceu-se para fazer uma conferencia publica tendo por assumpto o descobrimento do caminho maritimo da India e tratando dos seguintes pontos: Centenario do descobrimento d'aquelle caminho; O infante D. Henrique perante a historia; Influencia do infante D. Henrique na navegação portugueza; A escola nautica de Sagres; O caminho maritimo da India; O Cabo da Boa Esperança; O roteiro de Vasco da Gama; A architectura manuelina e o descobrimento do caminho maritimo da India; Consequencias politicas e economicas das relações de Portugal com a India.

Depois de breves observações dos srs. Valentim Corrêa, Presidente e Carvalheira, resolveu-se que a proposta do sr. Cavalleiro e Sousa fosse remetida ao Conselho Facultativo para dar o seu parecer a esse respeito.

O sr. Presidente participou que o sr. Ministro das Obras Publicas attendera immediatamente e com a melhor vontade o pedido da nossa Associação, para se fazerem a expensas do Estado algumas obras no edificio do Museu do Carmo, or-

denára ao chefe da repartição competente que mandasse proceder ao orçamento respectivo e que na occasião que se julgasse opportuna viriam alguns operarios e trabalhadores d'aquelle ministerio fazer as remoções que lhes fossem indicadas.

Resolveu-se por unanimidade e com applauso que se agradecesse a concessão e benevolencia do sr. Ministro.

O sr. Carvalheira leu a ultima redacção das circulares que na ultima sessão lhe fora incumbida, assim como aos srs. Dr. Sousa Viterbo e Guilherme de Sousa, rever e modificar em harmonia com as alterações indicadas pela Assembléa; explicou os motivos por que este documento ainda não estava impresso e disse que tinha já n'aquelle momento tudo em ordem a entrar no prelo e poder-se principiar a remessa das circulares dentro de poucos dias.

Foi approvedo sem discussão o trabalho apresentado pelo sr. Carvalheira e auctorizada a mandar distribui-lo a Comissão que o redigiu.

O sr. Carvalheira propoz que as ultimas tres actas das nossas sessões em que se tratou da questão dos nossos monumentos historicos, e a carta do sr. Conde de Marsy lida na presente sessão fossem impressas no *Boletim* da Associação.

Approvada esta proposta, o sr. Carvalheira fez varias reflexões para justificar a seguinte proposta :

«Proponho que esta Associação requeira á Camara Municipal e ao Ministerio das Obras Publicas para que qualquer objecto de valor historico ou archeologico que se encontre nos respectivos trabalhos de demolição a cargo de qualquer d'essas instancias officiaes, seja dado á Associação ou depositado no seu Museu. — (a) *Rosendo Carvalheira*.»

Foi enviada á secção de archeologia.

O mesmo sr. Carvalheira citou novamente o abandono em que se encontram os interessantes azulejos da profanada ermida da Saude, na Trafaria, apesar das reclamações que sobre este ponto a nossa Associação foi a primeira a formular. Queria que elles viessem para o nosso Museu.

O sr. Liberato Telles informou que no antigo convento de Palhaes, em Val de Zebro, existe uma importante collecção de azulejos.

O sr. Bermudes acompanhou de algumas considerações e commentarios as seguintes propostas, das quaes as tres primeiras foram remetidas á secção de archeologia e a ultima á secção de construcção:

a) «Proponho que a secção de archeologia fique encarregada de elaborar um projecto de lei tendo por fim difficultar senão impedir a exportação dos objectos de arte. — (a) *Adães Bermudes*.»

b) «Proponho que esta Associação nomeie um

socio correspondente em todas as localidades onde houver alguns monumentos nacionaes a conservar e que a informe de tudo quanto se passar em relação a esses monumentos. — (a) *Adães Bermudes.*»

c) «Proponho para que a Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes officie ás estações competentes pedindo para que todos os objectos de valor artistico e archeologico que estejam ao abandono no paiz e sujeitos a deterioração, vandalismos ou desaparecimento, sejam recolhidos no Museu Archeologico do Carmo. (a) *Adães Bermudes.*»

d) «Proponho que a secção de construção d'esta Real Associação fique encarregada de estudar um regulamento para a limpeza e conservação dos edificios publicos, antigos e modernos, regulamento que será proposto ás estações competentes para ser adoptado. (a) *Adães Bermudes.*»

O sr. dr. Sousa Viterbo disse que estas propostas lhe pareciam já uma resposta á circular, a que a nossa Associação ia dar publicidade.

O sr. Rosendo Carvalho ponderou que na pauta das alfandegas, publicada em 1892, sendo ministro da fazenda Oliveira Martins, se tomaram algumas providencias em relação a objectos de arte. Respondeu-lhe o sr. Bermudes que não tinham verdadeira efficacia essas providencias.

Resolveu-se que os auctores das propostas enviadas para a mesa fossem convidados para assistir ás reuniões em que as discutissem as secções respectivas.

O sr. Jesuino Ganhado leu uma interessante noticia sobre azulejos, existentes no extinto convento do Beato Antonio, onde está installada uma fabrica.

O sr. Bermudes disse que lhe constava que uma parte d'esses azulejos provinha de um castello, hoje em ruinas, do tempo de D. João III, que se encontra perto da Povoia de Santa Iria.

Referindo-se á Comissão preparatoria do congresso nacional de architectura e archeologia, pediu ao sr. Presidente que fosse marcada com brevidade uma sessão para que podessem ser apresentados os trabalhos d'esta Comissão, pois estavam já muitissimo adiantados.

Encerrou-se a sessão, tendo o sr. Presidente declarado que opportunamente seria convocada a Assembléa para apresentação dos negocios submettidos ao exame das comissões e secções.

Eram mais de 3 horas da tarde.

O segundo secretario servindo de primeiro,

Eduardo A. da Rocha Dias.

Sessão da Assembléa Geral em 19 de dezembro de 1897.

Presidencia do Ex.^{mo} Sr. Valentim José Corrêa, que explicou a ausencia do Ex.^{mo} Sr. Conde de S. Januario e a des secretarios e convidou para occuparem os logares d'estes ultimos os srs Cavalheiro e Sousa e Adães Bermudes.

Assistiram os ex.^{mos} srs.: Visconde da Torre da Murta, Ernesto da Silva, Rosendo Carvalho, Silva Leal, Jesuino Ganhado, Francisco Carlos Parente e João Rodrigues Ferreira.

Tendo sido lida e approvada a acta da sessão anterior, o sr. Presidente informou que as propostas a que ella se referia estavam em estudo nas respectivas secções, cujos pareceres seriam em breve apresentados.

Resolveu-se agradecer o convite da Sociedade de Geographia para a sessão solemne em honra de Mousinho de Albuquerque, e, por proposta do sr. Cavalheiro e Sousa, ficou a mesa da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, encarregada de dirigir uma mensagem de congratulação a este illustre militar, que synthetisa em si todas as glorias africanas dos ultimos tempos.

Sobre este assumpto e no mesmo sentido discursou o sr. Rosendo Carvalho.

O sr. Eduardo Duarte, de Tondella, escreveu á Associação dizendo que, tendo visto nos jornaes a proposta do sr. Adães Bermudes para que se nomeassem socios correspondentes nos logares onde existem monumentos nacionaes, se offerecia para coadjuvar a Associação no seu patriotico empreendimento da conservação dos mesmos monumentos.

Leu-se tambem um officio do collegio d'engenheiros de Venezuela, solicitando publicações dos trabalhos da Real Associação, offerecendo a reciprocidade.

Resolveu-se annuir e agradecer.

Identico officio do sr. conservador da Bibliotheca municipal da Figueira da Foz, solicitando exemplares de obras publicadas pela nossa Associação.

Deliberou-se annuir.

Outro officio da mesma procedencia, agradecendo as obras enviadas e inscrevendo se assignante do *Boletim*.

Inteirada a assembléa.

Um officio do sr. dr. Leite de Vasconcellos, fazendo diversas considerações ácerca de objectos apparecidos nas obras do Estado, e sustentando que, pelo espirito do decreto de 20 de dezembro de 1893, pertencem ao Museu Ethnologico Portuguez, do qual é director o officiante.

O sr. Visconde da Torre da Murta propoz a substituição do delegado da Associação na Comissão do Centenario da India, sr. visconde de Alemquer, ultimamente fallecido.

O sr. Silva Leal lembrou que o nomeado fosse o sr. dr. Sousa Viterbo, o que foi approved por unanimidade.

Procedeu-se em seguida ás novas eleições, que deram o resultado seguinte :

Mesa da Assembléa Geral — Presidente, sr. conde de S. Januario; vice-presidentes, srs. Valentim José Corrêa e general Pimentel Maldonado; secretarios, srs. Gabriel Pereira e E. A. da Rocha Dias; vice-secretarios, srs. José d'Ascensão Valdez e Sebastião da Silva Leal; thesoureiro, sr. Ernesto da Silva.

Conservador da Bibliotheca — sr. visconde da Torre da Murta.

Conservadores do Museu — srs. José Leite de Vasconcellos e O' Sulivand.

Secção de Architectura — Presidente, sr. Valentim José Corrêa; secretario, sr. Adães Bermudes; vogaes, srs. Francisco Carlos Parente, Alvaro Augusto Machado e O'Sulivand.

Secção de Construcção — Presidente, sr. Rosendo Carnealheira; secretario, sr. Jesuino Ganhado; vogaes, srs. J. Rodrigues Ferreira, Liberato Telles e Abel Botelho.

Secção de Archeologia — Presidente, sr. Gabriel Pereira; vogaes, srs. Ernesto da Silva, dr. Sousa Viterbo, Leite de Vasconcellos e Cavalleiro e Sousa.

Resolveu-se expedir simultaneamente a todos os jornaes do paiz as circulares seguintes, sobre a questão de monumentos nacionaes :

«Ex.^{mo} Sr. director d — E' inquestionavelmente a imprensa um dos mais poderosos e efficazes factores do progresso e da moralidade pelos elementos de que dispõe para orientar e educar os espiritos na comprehensão do Justo, do Bom e do Bello.

E' a arte por isso, nas suas diversas e multiplices manifestações, um dos campos em que a imprensa pôde exercer o seu influxo de modo mais salutar e proficuo.

A Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes acha-se empenhada n'uma sacrosanta cruzada, a da conservação dos monumentos nacionaes, dos quaes muitos são padrões de glorias immorredouras, outros a consagração de factos de simples character historico e ainda a reminiscencia de usos e costumes, de que convém conservar na sua fôrma material a perenne recordação.

Infelizmente, no nosso paiz, o culto do passado e das tradições, o respeito pelas memorias de epochas que vão longe, estão bem longe de ser o que deveriam ser.

Esta Associação, no empenho de promover por

todos os meios ao seu alcance uma prestimosa e sympathica corrente de opinião a favor da conservação e da integridade d'esses velhos padrões e documentos historicos, busca n'este momento o poderoso e prestante auxilio da imprensa do paiz, sem distincção de partidos, pois no campo da Arte não ha, nem pôde haver politica, e d'essa imprensa sollicita um esforço collectivo que a habilite a proseguir com mais segurança e firmeza na referida campanha que não é só artistica, mas tambem patriotica e scientifica.

Assim, pois, a Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes sollicita de V. Ex.^a que, no jornal de que é tão digno director, seja publicada esta circular, dirigida a toda a imprensa do paiz, e pela qual se tornará largamente conhecido o nosso patriotico empenho, sollicitando tambem a publicação de subsequentes noticias relativas ao mesmo assumpto, e desde já, a inclusão da circular que n'esta data a Associação envia a diversas entidades e corporações scientificas do paiz.

Esta Associação pede tambem a V. Ex.^a que sollicite de todos os seus leitores quaesquer indicações e esclarecimentos acerca dos monumentos nacionaes, o que tudo se receberá com agrado e reconhecimento na secretaria da nossa Associação, Museu do Carmo, Lisboa.

Com toda a consideração e reconhecimento somos de V. Ex.^a

Lisboa e sala das sessões da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, 28 de novembro de 1897. — Presidente — *Conde de S. Januario*. — Vice-Presidentes — *Valentim José Corrêa* — *Antonio Pimentel Maldonado*. — Secretarios — *Gabriel Pereira* — *Eduardo Augusto da Rocha Dias*. — Vice-Secretarios — *José Joaquim d'Ascensão Valdez* — *Rosendo Carnealheira*.

«*Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.* — A Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, profundamente impressionada pelo abandono cruel a que teem sido votadas quasi todas as joias preciosissimas do nosso valioso thesouro monumental, dispersas por muitos pontos do paiz e sujeitas á sorte vária da acção destruidora do tempo ou entregues sem protecção aos multiplices factores vandolicos, na maioria dos casos provenientes da iniciativa local inconsiderada e tumultuaria, resolveu em conformidade com uma proposta de um dos seus associados, approved unanimemente, promover por todos os meios ao seu alcance, uma intensa e efficaз corrente de protecção a todos os monumentos nacionaes, de fôrma a garantir-lhes a integridade e a sancionar-lhes o respeito que merecem como padrões valiosissimos d'arte e de tradição.

Resolveu mais esta Associação, com o fim de generalisar essa corrente protectora, appellar para todas as sociedades scientificas do paiz e para todas as entidades prestimosas que pelos seus estudos ou orientação, tenham prestado a essa causa benemerita, reconhecidos serviços, conscia de que todas essas forças e vontades dispersas, devidamente congregadas na aspiração commum d'uma cruzada santa de respeito e protecção ás nossas reliquias tradicionaes, oblerão n'um futuro proximo dos poderes constituidos, medidas de salvaguarda e protecção decididas, que se traduzam em effeitos praticos de fôrma a darem satisfação plena a todas as queixas veementes e a todas as recriminações justificadas, dos sinceros patriotas que d'alma e coração se dedicam ao culto das tradições venerandas da nossa passada grandeza.

Em conformidade, pois, com esta resolução e em nome da Associação que representamos, dirigimo-nos a V. Ex.^a a fim de que, com a sua valiosa cooperação junta á de muitos outros individuos e collectividades que ultimamente e n'este sentido nos têm prestado expontaneamente o seu benemerito concurso, possamos encetar esta patriótica cruzada.

Sem querer hostilizar nem censurar ninguem, sem querer fazer concorrência a qualquer corporação e entidade official ou não official, embora a sua longa existencia e os serviços até hoje prestados á sciencia portugueza lhe dêem e garantam o direito de prioridade, a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, no mais rigoroso cumprimento dos seus deveres e na mais pura e leal das aspirações, só pretende e tem em vista, n'este momento:

a) Formular o inventario dos monumentos e objectos d'arte, que devem ser apontados á acção vigilante do governo e ao culto esthetico do povo portuguez;

b) Estabelecer uma forte corrente de opinião que torne viavel qualquer projecto que tenda a garantir efficazmente a guarda e conservação dos monumentos;

c) Recolher, para depois fundir n'um pensamento commum, todos os alvitres e todas as propostas que mais racional e mais particularmente concorram para realisar o fim que se pretende.

Apesar de muito cerceado já, o nosso patrimonio monumental ainda se impõe a todos, pelo seu inestimavel valor, e merece bem os cuidados de velarmos zelosamente pela sua integridade.

Esse patrimonio d'arte e tradição, que, se fosse devida e religiosamente respeitado, constituiria para todos nós um justo motivo de patriotico desvanecimento, tal como se encontra, desprotegido e entregue a todos os factores de destruição, synthetisa a

nossa vergonha e apresenta-nos perante as nações cultas do mundo, que outr'ora reconheceram quanto valem, como indignos de sermos os depositarios d'esses venerandos padões de inequalavel ousadia, crença e arte.

Se conseguirmos n'uma intima collaboração de esforços, desinteressada e patriótica, o nosso fim elevado, que significa uma cruzada de honra e brio nacionaes, deve ficar-nos tranquilla a consciencia por havermos cumprido o nosso indeclinavel dever e evitado que os extrangeiros que visitem o paiz, continuem a vexar-nos com as suas criticas veementes, que, se muitas vezes molestam dolorosamente o nosso brio de portuguezes, nem por isso deixam de ser, na maioria dos casos, infelizmente merecidas.

São estas as nossas aspirações e desejos, é este o unico objectivo do trabalho de propaganda que encetamos e calorosamente defenderemos, contando para isso com a adhesão valiosa, não só de V. Ex.^a mas tambem das collectividades com que esteja em immediata correspondencia, para que na exposição que tenha de ser apresentada aos poderes publicos pedindo lhes providencias sinceras e effectivas, elles reconheçam que não é só uma Associação que para elles appella, mas o paiz inteiro, profunda e intimamente interessado n'uma causa a que se ligam as suas tradições e o seu brio de povo civilisado.

Se V. Ex.^a, em attenção ao exposto, se dignar associar-se ao nosso appello, em nome da associação que n'este momento representamos, lhe pedimos nos envie para a sede associativa quaesquer noticias que tenham chegado ao seu conhecimento, não só referentes á existencia de monumentos d'arte e de tradição, mas tambem as que se correlacionarem com o estado e circumstancias especiaes d'esses monumentos, acompanhando-as da sua opinião individual sobre o assumpto que constitue esta campanha benemerita.

A compilação d'estas noticias, opiniões e pareceres, constituirá um valioso subsidio, para a organização definitiva d'uma representação serenamente pensada, em que se apresentem ao governo as nossas legitimas e communs aspirações, devida e methodicamente fundamentadas com a citação de factos de que tivermos conhecimento.

Contando antecipadamente com a adhesão valiosissima de V. Ex.^a somos com toda a consideração e respeito de V. Ex.^a attentos veneradores

Lisboa e sala das sessões da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, 28 de novembro de 1897. — Presidente — *Conde de S. Januario*. — Vice-Presidentes — *Valentim José Corrêa* e *Antonio Pimentel Maldonado*. — Secretarios — *Gabriel Pereira* e *Eduardo Augusto*

da Rocha Dias. — Vice-Secretarios — José Joaquim d'Ascensão Valdez e Rosendo Carvalheira.»

Servindo de secretario, Adães Bermudes.

Sessão da Assembléa Geral em 22 de Janeiro de 1898.

Presidencia do Ex.^{mo} Sr. Conde de S. Januario.
Secretario, Rocha Dias.

Compareceram, alem da mesa, os Ex.^{mos} Srs. Valentim José Corrêa, Ernesto da Silva, Cavalleiro e Sousa, Dr. Sousa Viterbo, Francisco Parente, Costa Goodolphim, Silva Leal, Rosendo Carvalheira, Adães Bermudes e Jesuino Ganhado.

Foi lida e approvada a acta da sessão de 19 de dezembro ultimo.

Correspondencia :

Cartões de cumprimentos dos socios correspondentes D. Pedro A. Berenguer y Ballester, de Madrid, e Mr. Meschinet de Richemond, de la Rochelle.

Participação de Mr. J. B. Reinstein, da Universidade da California, em que declara ter recebido o officio d'esta Associação de 13 de novembro ultimo e que mandará brevemente o programma do concurso para o projecto de construcção de outro edificio para aquella Universidade.

Inteirada.

Uma carta de Mr. B. R. Maybeck, communicando que o concurso architectural Phebe Hearst para a construcção da Universidade da California se abriu em janeiro corrente, referindo-se a um mappa em relevo, a uma serie de photographias, mappas topographicos dos terrenos e programmas do mesmo concurso, que acompanhavam a carta. Pedía para se fazer exposição de tudo isto e distribuir mappas e programmas aos candidatos. Mandava mais exemplares dos mappas e programmas, quando lhe fossem requisitados, etc.

Resolveu-se mandar annunciar n'alguns jornaes de Lisboa e do Porto a abertura d'este concurso e imprimir no *Boletim* o programma respectivo.

Uma carta da Fédération des Sociétés d'Histoire et d'Archéologie de Belgique, solicitando o concurso d'esta Associação para que os nossos Associados preparem trabalhos a fim de tomarem parte no Congresso historico e archeologico que ha de abrir-se em Enghien, a 7 de agosto proximo.

Foi approvado que se dêsse publicidade a esta communicação.

Um officio do socio correspondente, sr. José Pinto

da Silva Ventura, da Villa da Feira, enviando tres photographias, sendo duas do antiquissimo Castello da Feira e outra do convento que havia n'aquella villa.

O sr. Bermudes disse que tambem lhe fora enviada por um seu amigo, uma photographia do mesmo castello, que um proprietario já pretendia comprar, oppondo-se á venda o povo da localidade; concluiu por propor que se officiasse ao socio offerecente, pedindo-lhe uma noticia circunstanciada do estado em que se encontra aquella formosissima reliquia de architectura militar e agradecendo-lhe as photographias.

Foi approvado e bem assim que se remetterssem juntamente com o officio á Commissão eleita para representar ao governo sobre a conservação de monumentos historicos e artisticos.

Um officio do presidente da Junta de Parochia da freguezia de Lervão, pedindo se procure obstar ao desmoronamento do edificio do convento de Lervão, fundado no seculo VI e que é um primor d'arte que nos legaram os nossos maiores.

Foi remettido á commissão supra-mencionada.

Officio do sr. Gabriel Pereira, 1.^o secretario da mesa, desculpando-se de não comparecer e enviando os desenhos e memoria descriptiva da capella de S. Fructuoso, de Braga, trabalho do sr. Ernesto Korrodi, professor da escola industrial de Leiria.

Dizia o mesmo officio que o sr. Lino d'Assumpção informava e desejava que se attendesse á urgente necessidade de salvar da proxima ruina o edificio do venerando mosteiro de Lervão.

A este respeito usaram da palavra os srs. Bermudes e dr. Sousa Viterbo, que propoz se imprimisse no *Boletim*, com a possivel brevidade, a Memoria referida.

Officio do sr. J. Sartoris, de Coimbra, offerecendo 48 photographias de preciosas obras d'arte portugueza, publicadas pelo *Portugal Artístico e Monumental* nos annos de 1896 e 1897, e pedindo o auxilio d'esta Associação no intuito de conseguir que este distincto artista seja despachado para um logar no gabinete photographico da escola industrial de Coimbra. Esta nomeação dar lhe hia possibilidade de percorrer o paiz todo durante as ferias de dois annos e de reunir as photographias de todos os monumentos dignos de menção, os quaes d'este modo, e com um pequeno dispendio, ficariam completamente colleccionados.

Depois de algumas observações dos ex.^{mos} srs. Presidente, Valentim Corrêa, Bermudes, Carvalheira e Cavalleiro e Sousa, resolveu-se agradecer o offerecimento das photographias, assignar a publicação do *Portugal Artístico e Monumental* desde o corrente mez de janeiro e assegurar ao sr. Sar-

toris que a Real Associação toma todo o interesse em solicitar o seu despacho para o logar que pretende.

Officio do socio correspondente em Alcobaça, sr. Manuel Vieira Natividade, em resposta á circular da Associação; declara que possui uma das primeiras collecções de archeologia prehistorica do nosso paiz, mas não dispõe dos meios necessarios para francamente se dedicar a estes estudos; tem no prelo um pequeno livro, especie de relatorio, ornado com muitos desenhos dos objectos achados, e, desejando referir-se n'esse livro a toda a archeologia prehistorica da região de Alcobaça, pede lhe seja remellida uma nota dos objectos achados pelo nosso fallecido Presidente, sr. Possidonio da Silva, nas suas explorações das grutas de Turquel, especializando dentes de *canis*, *felis* ou *sus*, com orificio de suspensão, e a nota e desenhos de algumas placas de schisto que porventura tenham apparecido n'essas grutas. Deseja saber se esta Associação tem algum meio de subsidiar os trabalhos de explorações ou de publicações.

Depois de algumas palavras dos srs. Presidente, Rosendo Carvalho e Adães Bermudes, deliberou-se responder ao sr. Natividade que a Associação sente muito não estar habilitada a conceder-lhe o pretendido subsidio, mas n'esta conformidade officiará ao socio effectivo sr. dr. José Leite de Vasconcellos, illustrado director do Museu Ethnologico, pedindo-lhe se dignasse considerar esta pretensão e applicasse em favor d'ella a parte que fosse possivel da verba auctorizada pelo Governo para aquelle estabelecimento proceder a explorações.

Emquanto ao pedido relativo a achados nas grutas de Turquel, tomou-se a resolução de dizer que não era possivel satisfazê-lo, por se ignorar onde existe a respectiva nota que Possidonio da Silva devia ter escripto.

Foi auctorizada a nomeação do escriptuario que estava servindo interinamente para organizar o archivo e incumbir-se dos trabalhos de expediente da Associação.

Foi lido um officio do socio correspondente em Braga, sr. Albano Bellino, em que applaude a deliberação de se fazer a circular ultimamente mandada distribuir por esta Associação, mas duvida da sua efficacia. Existindo uma Comissão, denominada dos monumentos, da qual é delegado, parecia-lhe conveniente que a nossa Associação se limitasse a interceder perante os poderes constituídos em favor das propostas emanadas d'aquella benemerita Comissão, que, segundo lhe consta, já hoje dispõe de preciosos elementos para se formular o inventario dos monumentos e objectos de arte.

Entre outras considerações sobre o assumpto, disse o sr. Presidente que nenhum inconveniente

havia em que, a par dos esforços da Comissão dos monumentos nacionaes, continuassemos a empregar tambem os nossos, em cumprimento dos Estatutos por que nos regemos desde 1879; era do concurso de todas as boas vontades que podia colher-se maior somma de elementos de informação; com isto aproveitavam os estudos archeologicos e não se atacavam as prerogativas de nenhuma corporação, o que se tornava bem evidente nos termos da propria Circular.

Concordando com esta ordem de considerações, usaram ainda da palavra os srs. Rosendo Carvalho, Visconde da Torre da Murta, que fez referencia ao relatorio sobre classificação de monumentos publicado por esta Real Associação em 1881 depois da consulta que lhe dirigiu o Ministerio das Obras Publicas; e Costa Goodolphim, que alludiu tambem a outras consultas do Governo.

Final resolveu-se responder succintamente ao sr. Albano Bellino, que a circular estava em perfeito accordo com as disposições do art. 1.º dos nossos Estatutos, approvados em 1879.

O sr. Presidente participou que o Ex.^{ma} Sr. Ministro das Obras Publicas já approvára o orçamento para os melhoramentos do Museu da nossa Associação, esperando que em breve começariam.

O sr. Carvalho propoz um voto de congratulação por terem sido eleitos socios do Real Instituto de Architectos Britannicos, os srs. Conde de S. Januario e Adães Bermudes.

Foi approvedo.

O sr. Presidente agradeceu esta manifestação, e offereceu á nossa Bibliotheca o *Boletim* que recebera d'aquelle Instituto.

A assembléa mostrou-se muito reconhecida por esta offerta.

Foi approveda sem discussão a seguinte proposta:

«Proponho que a Mesa officie em nome da Assembléa Geral ao Ex.^{mo} Ministro das Obras Publicas solicitando a sua esclarecida attenção para o estado em que se encontra o arco monumental da rua Augusta, pedindo-lhe ao mesmo tempo em nome do decoro nacional, que sejam por completo removidos todos os tubos que vandalicamente ha dois annos e meio maculam o bello e grandioso monumento, chamando mais a attenção do illustre titular das Obras Publicas para o perigo imminente que o estado actual d'esta tubagem representa para os que transitam junto d'elle. Lisboa, 22 de janeiro de 1898.
(a) *Rosendo Carvalho.*»

O sr. Bermudes expressou tambem o seu agradecimento pela proposta de congratulação e mandou para a mesa as seguintes, a respeito das quaes expendeu breves reflexões:

«Proponho que a Real Associação dos Archi-

lectos Civis e Archeologos Portuguezes nomeie socio correspondente em Villa Nova de Gaya o architecto sr. José Teixeira Lopes e lhe peça para enviar para o archivo da Associação o projecto de restauração da fachada da casa manuelina da rua das Flores, do Porto, tal como ella se encontrava antes da recente demolição. Lisboa, 22 de janeiro de 1898. (aa.) *Adães Bermudes, Sousa Viterbo, Rosendo Carvalho.*»

«Proponho que a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes officie ao prebendeiro do cabido da Sé do Porto, sr. Beneficiado Antonio Rodrigues Fernandes de Figueiredo Rocha, para investigar das origens da casa manuelina da rua das Flores, recentemente demolida, pois que ella era foreira ao Bispado. Lisboa, 22 de janeiro de 1898. (a) *Adães Bermudes.*»

«Proponho que a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes consigne na acta e envie ao illustre escultor Antonio Teixeira Lopes um voto de louvor por ter resgatado os restos da casa manuelina da rua das Flores, no Porto, actualmente em demolição, lamentando que a camara municipal d'aquella cidade se não tivesse opposto á destruição d'aquella reliquia do passado, que, como tal, deveria considerar-se um monumento nacional. Lisboa, 22 de janeiro de 1898. (a) *Adães Bermudes.*»

Foram approvadas as tres propostas.

O sr. Bermudes apresentou o parecer da commissão preparatoria do congresso de architectura e archeologia a realisar em Lisboa, em Junho de 1898.

O sr. Jesuino Ganhado lembrou que se dirigisse uma circular ás camaras municipaes pedindo-lhes que na occasião de lhes ser requisitada licença para demolição de alguma propriedade, exijam do respectivo dono o desenho da mesma propriedade, conforme estiver n'essa data, para que se possa avaliar a importancia da construcção que se pretende demolir.

O sr. dr. Sousa Viterbo disse que este alvitro era muito interessante e n'elle via um meio de conservar os monumentos; pedia, pois, ao sr. Ganhado, que o formulasse por escripto, para ser examinado pela commissão que tem de representar ao Governo, ácerca das nossas reliquias historicas e artisticas.

O sr. Valentim José Corrêa participou que o sr. Carvalho enviara para o Museu do Carmo dois capiteis, uma base e algumas telhas da igreja de S. Miguel, de Cintra.

Mandou-se exarar na acta o devido agradecimento.

Foram apresentadas as seguintes publicações:

Livros:

- Tables pour calculer les flèches des poutres, droites métalliques, por Augusto Pinto de Miranda Montenegro;
- O Centenario no Estrangeiro, conferencia por Magalhães Lima;
- Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes;
- Cachettes de fondeur de Loupian, de la Boissière et de Bautarès-Péret;
- No Oriente: De Napoles á China, diario de viagem, por Adolpho Loureiro, 2 vol.;
- Société de Sciences Naturelles de la Charente-inférieure, annales de 1897;
- Société Archéologique de Bordeaux, tome XXI, 2 fascicules;
- Société d'Histoire, d'Archéologie et de Litterature, Mémoires de 1895 et 1896, 2 vol.;

Jornaes e Revistas:

- O Mirandez, Manuelinho d'Evora, Correio da Extremadura (Santarem), Jornal d'Estarreja, Gazeta d'Obras Publicas, Commercio de Vieira, Gazeta da Figueira, Estrella do Minho, Boletim Municipal do Concelho de Lourenço Marques, O Conimbricense, O Elmano (Setubal), O Futuro (Olbão), A Folha (Vizéu), Gazette Diplomatique et Consulaire (Lisboa), Os Successos (Aveiro), Branco e Negro (Lisboa), A Construcção (Lisboa), Revista de la Union Ibero-Americana (Madrid), Revista de la Asociacion Artístico-Archeologica Barcelonesa, Revista d'Obras Publicas e Minas (Lisboa), Journal of the Royal Institute of British Architects (Londres).

O sr. Visconde da Torre da Murta, meritissimo conservador da Bibliotheca, incumbiu-se de fazer os competentes agradecimentos em nome da Associação.

O sr. Presidente levantou a sessão eram quasi quatro horas da tarde.

O segundo secretario servindo de primeiro,
Eduardo A. da Rocha Dias.

Sessão d'Assemblea Geral em 6 de Fevereiro de 1898.

Presidencia do Ex.^{mo} Sr. Conde de S. Januario.
Secretario, Rocha Dias.

Compareceram os Ex.^{mas} Srs. Visconde da Torre da Murta, Valentim José Corrêa, Ernesto da Silva,

dr. Sousa Viterbo, Jesuino Ganhado, Cavalleiro e Sousa, Alvaro Machado, Silva Leal, Rosendo Carvalho, Adões Bermudes e Francisco Parente.

Abertura da sessão á hora e meia da tarde.

Foi lida e approvada sem reclamação a acta da sessão de 22 de janeiro ultimo.

O sr. Presidente, dando parte de que fora já assignada a portaria que manda principiar as reparações no Museu, disse que encontrára no Ex.^{mo} Sr. Ministro das Obras Publicas a mais decidida vontade de que se evitassem quaesquer obstaculos que podessem impedir a satisfação do nosso justo pedido; e que o sr. Director dos Edificios Publicos manifestára não menor desejo de promover a mais prompta resolução d'este negocio.

O sr. Rosendo Carneiro propoz um voto de louvor e agradecimento ao Ex.^{mo} Sr. Conde de S. Januario pelos esforços que tem empregado para serem coroadas do melhor exito as nossas pretensões e propoz que, attendendo aos relevantes serviços prestados a esta Associação pelo Ex.^{mo} Ministro das Obras Publicas e pelo Director dos Edificios Publicos, fossem aclamados socios benemeritos o sr. conselheiro Augusto José da Cunha e o sr. João Verissimo Mendes Guerreiro.

A Assembléa cobriu de unanimes applausos todas estas propostas.

O sr. Presidente participou que o Ex.^{mo} Sr. Ministro das Obras Publicas, tomando em consideração o que por esta Associação lhe fora representado com referencia ao arco monumental da rua Augusta, ordenára immediatas providencias para se remover toda a tubagem de que este arco está guarnecido, parte da qual constitue um grave perigo para os transeuntes.

Foram apresentadas as seguintes publicações:

Textos da Aljamia Portuguesa (documentos para a historia do dominio portuguez em Safim, extrahidos dos originaes da Torre do Tombo) pelo sr. David Lopes; Revista de Guimarães, Conimbricense, Branco e Negro, Boletim da Associação dos Conductores de Obras Publicas, Correio da Extremadura, Manuelinho d'Evora, Gazeta de Lisboa, etc.

Recebeu-se convite da Commissão Executiva do Centenario da India para a conferencia no dia 8 do corrente na Sociedade de Geographia.

O sr. general Pimentel Maldonado justificou a sua falta á sessão.

Leram-se na mesa os seguintes officios:

Do socio correspondente sr. José Pinto da Silva Ventura, da Villa da Feira, enviando uma photographia da igreja do mosteiro de Pedroso e fazendo commentarios sobre o vandalismo praticado com

aquellas venerandas paredes, que ha tantos seculos se conservam de pé e em que ultimamente se mandou applicar uma forte mão de cal!

Resolveu-se agradecer.

Da Direcção do Gremio Artistico, participando que adheria incondicionalmente aos levantados intuitos da Circular de 28 de novembro do anno passado e se promptificava a secundar os nossos esforços pela fôrma estabelecida na mesma circular.

De Monsenhor Conego Joaquim Pereira Botto, socio honorario, declarando-se mais uma vez nosso cooperador na empreza de salvaguardar os monumentos nacionaes, que de tanta protecção carecem.

D'este mesmo socio agradecendo os n.^{os} 11 e 12 do *Boletim* da nossa Associação offerecidos ao Museu Infante D. Henrique, de que é illustrado director, e participando que fôra ali inaugurada a lapida commemorativa da visita de S. M. El-Rei e de sua Augusta Esposa, tendo sido archivada na sala 2 a espada da epocha de bronze offerecida por El-Rei.

Do sr. D. José Pessanha, em resposta á circular, offerecendo incondicionalmente os seus serviços.

Do sr. Joaquim de Vargas, bibliothecario e conservador do Museu de Beja, adherindo ao pensamento da circular, dizendo que da celebre *Pax Julia* nada ha que mostre hoje a sua magnificencia senão os valiosos fragmentos de columnas, porticos e monumentos, os restos mutilados de themas e canalisações d'agua, as formosissimas collecções de azulejos, mosaicos e epigraphia, etc., existentes n'aquelle Museu; e relatando o abandono em que se encontram as portas da muralha reedificada por Affonso IV; o pequeno templo de Santo André, do principio da monarchia, erigido no mesmo lugar onde se venceu uma batalha contra os sarracenos; o castello, torre de menagem e ruinas do palacio de D. Diniz (?); o antigo e sumptuoso mosteiro da Conceição, o paço dos Infantes e a formosa janella do quartel d'infanteria 17, antigo convento de S. Francisco, onde foi a capella dos tumulos.

Os officios supra referidos foram, com excepção do quarto, enviados á Commissão que tem de redigir a representação ao Governo ácerca dos monumentos do paiz.

O presidente da camara municipal da Figueira da Foz, sr. Joaquim Pereira Jardim, agradeceu o offerecimento para a Bibliotheca d'aquella camara, de algumas publicações da nossa Associação; e o sr. Ernesto Korrodi, professor da escola industrial de Leiria, agradeceu tambem a resolução tomada na sessão anterior ácerca dos desenhos e memoria descriptiva da capella de S. Salvador de Braga, offerecidos pelo mesmo distincto professor.

O sr. J. Sartoris, de Coimbra, enviou mais duas

photographias de monumentos e uma nova exposição dos serviços que poderá prestar, se o Governo lhe conceder subsidio que o colloque em circumstancias de percorrer o paiz photographando todos aquelles que tiverem notavel merecimento artistico.

O sr. Presidente disse que não se esqueceria de recommendar á consideração dos poderes publicos este prestimoso artista.

O sr. Carvalheira propoz que a commissão especial para tratar da questão dos monumentos podesse aggregar a si aquelles socios que julgasse indispensaveis para mais prompto expediente dos seus trabalhos e lembrou o seguinte: que em nome da Associação ficasse a mesma Commissão auctorisada a dirigir-se aos photographos nacionaes, de profissão e amadores, pedindo-lhes copias de monumentos artisticos importantes das localidades onde lhes fôr mais facil obtel-as.

Tanto a primeira como a segunda proposta foram approvadas unanimemente, depois de breves indicações feitas pelos srs. Visconde da Torre da Murta, dr. Sousa Viterbo e Bermudes, alludindo-se ás collecções de Carlos Relvas, Rochini, etc.

O sr. Cavalleiro e Sousa disse que n'um jornal de Lisboa se apresentára o alvitre de fazer collocar nos talhões da Avenida da Liberdade as estatuas symbolicas das quatro partes do mundo, que fazem parte integrante do monumento de D. Maria I, depositado pelo Ministerio das Obras Publicas no Museu do Carmo, e expressou em tom energico o seu protesto contra semelhante pretensão.

Os srs. Rosendo Carvalheira, dr. Sousa Viterbo e Adães Bermudes adduziram varias ponderações sobre a inconveniencia de desmembrar o monumento, o que reputavam um attentado de lesa-arte.

Acerca d'esta questão, que já em tempo foi tratada na Associação e exposta devidamente ao Governo, segundo consta das actas e do nosso *Boletim* n.º 8, t. 7.º, confirmou-se por completo e unanimemente o que n'essa occasião ficou resolvido.

Estando a hora muito adiantada e não sendo possivel por esse motivo passar-se á ordem do dia, em que devia discutir-se o Parecer da Commissão preparatoria do Congresso d'Architectura e Archeologia, propoz o sr. Jesuino Ganhado que este assumpto fosse discutido na seguinte sessão, unica e exclusivamente, com preferencia a qualquer outro.

Assim se resolveu.

O sr. Presidente, encerrando a sessão, convidou

a Assembléa para tornar a reunir-se no proximo domingo 13 do corrente.

Eram quatro horas da tarde.

O segundo secretario servindo de primeiro

Eduardo Augusto da Rocha Dias

MONUMENTO A D. MARIA I

DISCURSO PROFERIDO NA CAMARA DOS DIGNOS PARES
NA SESSÃO DE 30 DE ABRIL DE 1898

Pelo ex.^{mo} socio

Francisco Simões Margiochi

Sr. presidente, sinto não ver presente o sr. ministro do reino, a quem mais especialmente queria dirigir-me.

Mas, como está presente o sr. ministro da justiça, que representa o governo, vou occupar-me durante alguns minutos de um assumpto, que já deve ser conhecido de todos os srs. ministros.

O sr. ministro do reino annuiu ás solicitações da camara municipal de Lisboa, para que lhe fossem entregues quatro estatuas, que estão depositadas no museu archeologico do Carmo, para que ellas sejam collocadas na Avenida da Liberdade.

A associação dos architectos e archeologos, a que tenho a honra de pertencer, teve algumas duvidas em entregar essas estatuas, não porque fosse seu desejo reagir contra as ordens do governo, mas porque essas quatro estatuas pertencem a um monumento que está completo, faltando só montal-o n'uma praça publica de Lisboa.

Queria a sociedade evitar um acto de verdadeiro vandalismo.

As estatuas e os baixos relevos para o pedestal foram executados no tempo da Rainha D. Maria I, para serem collocadas n'uma praça, que devia fazer-se em frente da igreja da Estrella, no terreno que está hoje occupado pelo passeio da Estrella.

O sr. ministro das obras publicas, que superintende sobre os monumentos publicos, devia ter sido ouvido sobre esta questão e não sei qual foi a sua resolução a este respeito.

O que é certo é que vi n'um jornal a noticia de que o governo mandou já fazer a entrega definitiva á camara municipal de Lisboa.

Tenho aqui o *Boletim* n.º 8 da associação dos architectos, em que se dá larga noticia documentada das estatuas.

Não sei, repito, se o governo tomou já alguma resolução definitiva. Desejava simplesmente expor

perante o governo estas considerações, para ver se ainda é tempo de revogar uma resolução, que realmente não é para louvar.

As quatro estatuas de que se trata têm tido uma existencia malfadada. Foram feitas em Roma pelo escultor portuguez Aguiar, quando alumno prestacionado da casa pia, no tempo em que se entendia que os alumnos da casa pia deviam saber mais alguma coisa do que ler, escrever e contar, e em que aquelle estabelecimento mandava para Roma alguns orphãos, que se distinguiram nas artes, como Domingos Antonio de Sequeira, o primeiro pintor portuguez do seculo actual, o escultor Aguiar, e mais alguns outros.

Este monumento representava uma homenagem áquella Rainha e ao intendente da policia Pina Manique, que tantos serviços prestou á cidade de Lisboa; da mesma fórma que o monumento do Terreiro do Paço é uma homenagem a el-rei D. José e ao seu primeiro ministro.

Não entro, com agrado, n'esta questão, em que se póde ver, mais ou menos, uma censura á camara municipal de Lisboa, onde eu tenho amigos, não só entre os vereadores, mas até no director geral das obras da camara, o actual ministro da fazenda sr. Ressano Garcia, que foi nomeado engenheiro da camara quando eu era vereador, em 1873 e 1874.

Mas entre esse desgosto e o outro desgosto de ver dispersar as peças do monumento que representa um pensamento harmonico, uma homenagem á Rainha e a um dos seus principaes funcionarios, á Rainha, a quem a cidade de Lisboa tantos serviços deve, como a creação da Bibliotheca nacional, da casa pia e outros; e perante a idéa de se estar na vespera de se praticar um verdadeiro vandalismo, não hesito em chamar a attenção do governo para esta questão, sentindo não ver aqui os ministros a quem mais de perto incumbe o assumpto, o sr. ministro do reino e o sr. ministro das obras publicas.

Repito que não me occupo com agrado d'esta questão, mas desejo varrer a minha testada e não quero ficar com a responsabilidade de não ter chamado a attenção do governo sobre este assumpto.

Não hesitei em crear com todos os desgostos, chamando a attenção do governo sobre isto, para que se não pratique um acto que não me parece muito louvavel.

Eu peço aos meus collegas os srs. visconde de Chancelleiros e Thomaz Ribeiro, que sinto não ver presente, e ainda a todos quantos se interessam pelas cousas de arte, para que me acompanhem n'este meu pedido, a fim de que aquellas quatro estatuas sejam collocadas onde é o seu lugar e não como decoração banal na Avenida, desprezando-se

assim as peças de um monumento que está todo construido e que só falta montal-o em lugar apropriado.

Tenho aqui a photographia do monumento, no seu todo, que os dignos pares podem examinar para ver se é ou não com rasão que eu fallo n'esta questão.

Com as palavras que acabo de pronunciar julgo ter prestado ainda um serviço ao governo, para que elle não seja accusado de *vandal*o em assumptos de arte.

O sr. *Ministro da Justiça* (Veiga Beirão): — Tenbo a declarar ao digno par que não tenho conhecimento do assumpto a que s. ex.^a se referiu, por isso que, como s. ex.^a muito bem disse, essa questão não corre pela minha pasta. Em todo o caso ouvi com a devida attenção o digno par, e assim que esteja com o sr. ministro do reino, comunicar-lhe-hei as considerações que s. ex.^a apresentou.

Devo ainda acrescentar que o sr. presidente do conselho não póde comparecer hoje aqui.

MAFRA — CONVENTO, MOSTEIRO

No reinado de D. José, o marquez de Pombal, entendendo que os frades franciscanos não convinhão ao convento de Mafra, resolveu d'ahi afastal-os e dividil-os por outros conventos da ordem de S. Francisco, substituindo-os alli pelos conegos regantes de Santo Agostinho que habitavam o mosteiro de S. Vicente de Fóra em Lisboa. De grande alcance foi a resolução do ministro, por isso que, sendo os franciscanos sustentados pelo Erario, os conegos, sendo de uma ordem rica, vinham em Mafra gasfar as suas rendas; e com effeito, na conservação e melhoramentos do edificio dispenderam elles importantes sommas.

Para se effectuar esta transferencia, tinha el-rei obtido do Pontifice Clemente XIV um Breve, datado de 4 de julho de 1770, pelo qual, supprimindo alguns mosteiros dos conegos regulares de santo Agostinho, mandava que os seus rendimentos fossem applicados a Mafra, cujo convento era concedido aos conegos.

«*Sanctissimi Domini Nostri Clementis Papa XIV. Litteræ in forma Brevis, quibus monasteria canonicorum regularium sancti Augustini Portugalix in eisdem contenta supprimuntur, eorumque redditus, et proventus regio conventui de Mafra adnectuntur et applicantur, quod conventum regii jurispatronatus in monasterium erectum iisdem canonicis regularibus conceditur et assignatur. Datum Romæ apud sanctam Mariam Majorem sub Annulo Pesca-*

toris, die quarta Julii MDCCLXX Pontificatus nostri anno secundo.»

Por muito extenso não damos na integra aquelle Breve no qual S. Santidade — «considerando que a congregação dos conegos regulares em Portugal se tinha afrouxado dos fins para que nos seus principios fora instituida, e por que alguns dos mosteiros se achavam longe do povoado» nenhum remedio era mais efficaz do que a suppressão d'esses mosteiros, cujas rendas se consignassem a um só, d'onde resultaria todo o proveito; por estas e outras racionaveis causas — *de motu proprio, certa scientia, e com plenitude da Auctoridade Apostolica*, ficavam totalmente extinctas as seguintes casas: — 1.^a O mosteiro de S. Salvador de Grijó, bispado do Porto — 2.^a O mosteiro de Villa Bôa do Bispo — 3.^a O mosteiro de S. Martinho de Parámos, arcebispado de Braga — 4.^a O mosteiro de Santa Maria de Landim — 5.^a O mosteiro de S. Salvador de Paderne — 6.^a O mosteiro de S. Simão da Junqueira, termo de Barcellos — 7.^a O mosteiro de S. Jorge, junto a Coimbra — 8.^a O mosteiro de Santa Maria de Refoyos de Lima — 9.^a O mosteiro de Moreira, a duas legoas do Porto.

E todos os bens móveis e immoveis, rendas e fructos d'essas casas extinctas seriam applicados ao real convento de Mafra, cuja singular magnificencia e vasta extensão parece não dizer bem com a summa pobreza e austeridade de vida que professam os ditos frades da ordem menor de S. Francisco.

«E assim, e por consentimento regio, ficou o convento instituido em mosteiro, reservado para el-rei o direito do padroado, e a faculdade de nomear o prior e vigario, e livre e absolvido de qualquer voto, anteriormente feito, de se edificar o convento de Mafra para religiosos que professassem singular pobreza. E, finalmente, para todos os effeitos, ficava el-rei com pleno poder, livre, amplo e necessario.»

Effectivamente, no dia 1 de maio de 1771 saíram do convento os frades franciscanos, e d'elle, como mosteiro, tomaram posse os conegos regrantes de santo Agostinho, que ali residiram até ao anno de 1792.

Não se demorou el-rei D. José (ou antes o seu ministro) em aproveitar a authorisação pontificia, por quanto, sendo o Breve datado de julho de 1770, em setembro do mesmo anno, ordenava elle ao Cardeal da Cunha o seguinte: — «Illustrissimo e Reverendissimo em Christo Padre Cardeal da Cunha, meu como Irmão muito amado. Eu Dom José, por Graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'alem mar em Africa Senhor de Guiné, e da conquista, navegação e commercio da Ethiopia, Persia, e da India, etc., vos envio muito saudar, como aquelle que amo e prezo. Pelas letras aposto-

licas do Santo Padre Clemente XIV, hora Presidente na Universal Igreja de Deus, (que serão com esta) vereis que S. Santidade, em commum beneficio das duas ordens, a dos conegos regrantes de santo Agostinho, e a da Devota reformada de S. Pedro de Alcantara, extinguindo os nove mosteiros dos ditos conegos regrantes n'ella declarados, transferio todos elles unidos com seus bens e rendas ao de Mafra, do Meu Real Padroado, para ser habitado pelos mesmos conegos, com os interessantes fins de n'elle cultivarem os estudos mais proprios para bem espiritual da Igreja, e utilidade publica do Reino. E por que S. Santidade commetteu a execução das sobreditas Letras á vossa exemplar prudencia, vos accordo por esta o Meu Real beneplacito e Regio auxilio, para que as possaes executar na forma que n'ellas se contem — Illustrissimo e Reverendissimo em Christo Padre Cardeal da Cunha, meu como Irmão muito amado, Nosso Senhor haja a vossa Pessoa na sua Santa Guarda. Escripta no Palacio de N. Senhora da Ajuda em 6 de setembro de 1770 — Rei.»

Para a execução da Provisão transcripta, o referido Cardeal em 12 de fevereiro de 1771 mandou a Mafra o desembargador Antonio Alvarez da Silva, e seu secretario José Anastacio de Oliveira e Souza, prelado mitrado, que procederam a inventario, encerrado em 26 do referido mez.

PROJECTO DE NOVO CONVENTO

Fallecido el-rei D. José, e decaído o marquez de Pombal, parece que occorreu logo a idéa de restabelecer os frades franciscanos, não no grande edificio, mas em novo convento que a rainha D. Maria I mandava fundar, como consta da Carta regia: «Dada em Mafra, aos dois dias do mez de setembro do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, de mil sete centos noventa e um.» — E assignada pela rainha, e pelo ministro dos negocios do reino José de Seabra da Silva. «Carta por que Vossa Magestade accordou fundar na villa de Mafra e no sitio da Rossada um convento da invocação de Santo Antonio do qual, logo que fôr construido, tem determinado fazer doação á Ordem seraphica da reforma de São Pedro de Alcantara, que n'este reino tem a Provincia dos Menores observantes de Santa Maria da Arrabida, com as condições que n'ella se declaram.»

Com quanto aquella Carta fosse outorgada em setembro, já em agosto anterior se tinha feito a inauguração, como se vê da verba lançada em um dos livros do registro parochial d'aquella epocha, pelo proprio individuo que a ella presidiu: —

«No primeiro d'Agosto do anno de mil sete centos noventa e um, á hora de Vesperas, dei eu

o P.^o Luiz da Silva, Vigario d'esta collegiada, a primeira enxadada da parte do Evangelho no alicerce da capella-mór da Igreja e convento que Sua Magestade manda fazer para os padres Arrabidos, na quinta da Arosada, estando presente como expector (*sic*) inspector, o Tenente Coronel Manoel Caetano de Souza, architecto do Infantado e Ordens, e que fez o risco e deliniou o terreno, por ordem de Sua Magestade, o qual alicerce continuaram logo a abrir muitos trabalhadores da mesma obra. E a quatro d'agosto do mesmo anno, poz Sua Magestade a primeira pedra e medalhas solemnemente.»

Em consequencia da doença da rainha a obra não continuou; os conegos saíram do grandioso edificio em maio de 1792, e os frades arrabidos voltaram a occupal-o. — Já o marquez de Pombal não dominava, e o Breve pontificio era letra morta — *Alia tempora, alia mores*.

Foi um grande erro o expulsar d'aquelle monumento os conegos que, possuidores de grandes rendimentos, ali os empregavam. Deve-se-lhes a restauração do lanternim do zimbório, que fora demolido por um raio; a collocação dos para-raios e conductores; a organização da bibliotheca; o desenvolvimento da escola de esculptura e outros muitos melhoramentos e restauros feitos com a maior circumspecção.

Do projectado convento, em que fallámos, não nos consta que exista o risco; e actualmente só resta, em ruínas, uma pequena parte dos alicerces.

A quinta da Roussada pertence ao sr. Francisco de Carvalho Gorjão, capitão de artilheria, por herança de seus paes.

O que não se pôde averiguar é se parte da propriedade foi cedida para se fazer o convento — o que é bem de supprer — ou, se abandonado o projecto, essa parte foi concedida ao proprietario.

J. Gomes.

PELOURINHO DOS ARCOS-DE-VALDEVEZ

Em satisfação da promessa que consta de um officio, publicado n'este Boletim com tanta honra para o seu auctor, começarei por dar noticia de um dos mais curiosos monumentos que possui a villa dos Arcos-de-Valdevez. É o seu antigo Pelourinho.

Diz Vilhena Barbosa que os pelourinhos offerecem preciosos elementos para o estudo da architectura, pois que n'elles estão representados todos os estylos architectonicos introduzidos em Portugal

desde o seculo XIV (Estudos hist. e archeol. I, pag. 236 e segg.). Ora o Pelourinho de Arcos de Valdevez, apezar de ter soffrido remoções em diversos tempos, não apresenta vestigios de estragos irreparaveis e por isso não o considero sem valor para a historia da architectura em Portugal.

Da sua historia local pouco é o que pôde mover o interesse aos illustres membros da Real Associação, como tambem pouco é o que pude averiguar em fontes historicas fidedignas. O cartorio da camara d'aquelle concelho é de uma penuria de documentos completa.

Arcos-de-Valdevez tem carta de villa outorgada por D. Manuel em 1518 (Real Archivo, Livro 5.^o d'Alem-Douro, fl. 120 v.).

É provavel que, poucos annos andados depois d'essa mercê, pela qual o Rei quer que — aya em ella juizes, vereadores e procurador e officiaes — os novos magistrados curassem de mandar erguer na praça publica o symbolo da jurisdicção municipal; provavelmente já no reinado de D. João III, como adeante se verá.

Em 1541 o Tombo velho da egreja e freguezia de S. Paio d'Arcos refere já o pelourinho como *marco fronteiro* dos seus limites e situado á distancia de 8 varas e 4 palmos defronte do Paço do concelho. E' o Tombo da mesma egreja, processado em 1769, que traz essa referencia ao precedente, acrescendendo que, porém, á sua feitura já o Pelourinho tinha sido removido para a Valleta, logar da villa junto do rio.

O padre Carvalho, na sua Corographia, tomo I, impresso em 1706, já o dá tambem como removido.

E' o que de documentos e fontes ao meu alcance pude apurar.

Em 1896 o sr dr. Pedro de Brito, presidente da camara municipal, tomou a iniciativa de trasladar o pelourinho do pessimo sitio, onde se achava já em 1706, pelo menos, para um largo da villa quasi em frente ao Paço do concelho e portanto perto da sua antiga posição. Se não se tivesse emprehendido essa remoção, o rio já teria destruido, n'alguma das suas violentas cheias, o curioso monumento. Deve a s. ex.^a esse serviço a historia da architectura nacional.

Não precisa de larga descripção o Pelourinho. A simples figura suppre o que eu mal saberei dizer. Vê-se logo que está incompleto.

E' elle constituido por um pilar cylindrico de granito, ao qual se enrolam e cingem dando uma volta em espiral tres fustes delgados, que dão ao monumento o aspecto de uma columna torsa. O

capitel tem o perfil de um desmesurado *quarto de circulo connexo*, com tres escudos reaes, lavrados a toda a allura e a eguaes distancias e apoiando-se nos extremos superiores dos fustes.

O espaço restante entre os escudos é lavrado com ornatos da arte classica, especie de *óvalos* alongados.

A parte mais curiosa do monumento é a que sobrepuja o capitel.

Sobre a face horisontal d'elle, levantam-se tres pequenos arcos que convergem para o eixo do pilar e correspondem pelos seus arranques aos tres escudos e aos tres fustes mencionados. São como tres nervuras de uma aboboda em ogiva ou tres quartellas que, no ponto da sua convergencia, sustentam sobre um fecho uma esphera armillar.

Nos intervallos d'esses arcos, directamente pousadas sobre a mesa do capitel, estão actualmente duas, mas deviam ter estado tres outras espheras armillares, com seu pé torcido, no gosto manuelino. Perdeu-se uma das espheras.

Esta curiosa disposição architectonica do remate do Pelourinho, será uma reminiscencia da *gaiola* ou pavilhão que corôa os primeiros Pelourinhos de França, ou será uma phantasia do architecto que assignou este Pelourinho? (Vid. Vilhena Barbosa, obra cit. I, pag. 260).

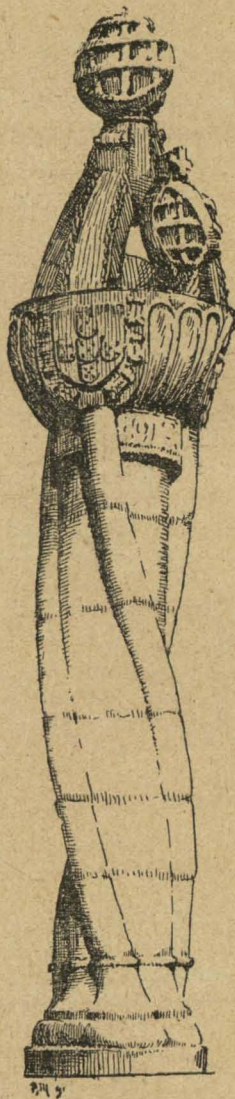
Por baixo do capitel, corre uma moldura lisa em faixa, onde se lê

IOANS | LOPEZ | MEFEZ (a)

Este João Lopes era um canteiro ou architecto viannense que embellezou a sua terra natal com

bastantes obras da sua lavra. O Pelourinho dos Arcos, já feito em 1541 como vimos, deve ter sido dos seus primeiros trabalhos. (Vid. *Arquivo viannense*, do sr. Luiz Figueiredo da Guerra, vol. I, pag. 154. Segundo informação que o mesmo distincto archeologo se dignou dar-me, João Lopes trabalhou de 1530 a 1560 e o Pelourinho dos Arcos teria sido construido entre 1530 e 1540, portanto já no reinado de D. João III. Além d'este João Lopes, senior, ha um filho homonymo e em Guimarães houve outros architectos do mesmo nome; veja-se *Revista de Guimarães*, vol. XIII, n.º 4; escripto do sr. Sousa Viterbo).

A altura total e actual do monumento que a figura mostra, é de 4^m, 17.



Pelourinho dos Arcos de Valdevez

Del. E. Alves Pereira - 1898

será attentado fazer as seguintes reparações:

— collocar uma 3.ª esphera, igual á que no desenho se vê, no espaço que já a não tem;

(a) O A da palavra IOANS é incluso do O. A typographia não tem este caracter.

— reparar uma outra, á qual falta o pé respectivo, e

— acrescentar na esphera que remata o Pelourinho a cruz que a devia encimar.

Actualmente, o Pelourinho ergue-se sobre tres modernos degraus lizos. Na sua remoção para o novo local, desapareceram os *ferros*, que os vcreadores do seculo XVII (?) ainda lhe souberam respeitar.

Assim mesmo, oxalá todos os Pelourinhos portuguezes tivessem recebido das municipalidades a mercê, com que a de Arcos-de-Valdevez a si mesma se honrou em 1893.

Arcos-de-Valdevez, VI — 1898.

O socio correspondente

Felix Alves Pereira

Noticias archeologicas extrahidas do «Portugal antigo e moderno» de Pinho Leal, com algumas notas e indicações, por E. R. Dias

(Continuação do n.º 12)

Carcavellos — freg., conc. de Oeiras. — Capella de Santo Antonio na *Quinta Nova*, do morgado da Alagôa. — Forte na praia. — *Archivo Pitt.*, vi, 409.

Cardiello — freg., conc. de Vianna. — *Torre de Moure* ou de *D. Sapo*. — Na *Aguieira*, ruínas de um castello, e nas duas margens do Lima, em frente da freguezia, vestígios de fortificações do tempo dos romanos ou dos antigos lusitanos. — *O Minho Pittoresco*, t. i, 226; *Archeol. Port.*, iii, par. 130.

Cardigos — (*Villa Nova de Cardigos*) — villa, conc. de Villa de Rei. — Misericórdia e hospital fund. pelo parochio Francisco Moreno Callado, em 1620. — *Archeol. Port.*, iii, pag. 130.

Caria — freg., conc. de Belmonte. — Pequeno reducto ou castello. — *Noticias archeologicas de Portugal* pelo sr. dr. E. Hubner; *Archeol. Port.*, iii, pag. 131.

Caria — villa, conc. de Sernancelhe. — Junto a esta villa, no lugar de *Vide* e seus contornos, teem-se descoberto por vezes varias inscrições, cippos, pedras sepulchraes, lapidas, etc., vestígios de povoação romana. — *Casa do Pastor* chama o povo aos restos do castello de *Caria Velha*, em cujas ruínas se descobriram em 1867 ou 1868 varias sepulturas abertas a picão na rocha granitica, e, dentro d'ellas, ossadas humanas. — Junto da capella de S. João achou-se no fim do sec. xviii uma grande sepultura. Por esse mesmo tempo achou-se nas casas do beneficiado Lourenço Manuel d'Almeida uma lapida dedicada ao imperador Marco Aurelio; na quinta da *Lagoa*, outra lapida com inscripção dedicada ao imperador Antonino. — *Noticias archeologicas de Portugal* pelo sr. dr. Hubner; *Archeol. Port.*, iii, pag. 131.

Carnaxide — freg., conc. de Oeiras. — Convento de frades arrabidos, de S. José de Ribamar, fund. em 1559 por D. Francisco de Gusmão e sua mulher, progenitores dos condes de Vimioso; conv. de *Santa Catharina de Ribamar*, fund. em 1551 por D. Izabel, filha de D. Jayme, duque de Bragança, mulher do infante D. Duarte, filho d'el-rei D. Manuel; conv. da *Boa Viagem*, fund. pela Misericórdia de Lisboa, em cumprimento de disposição testamentaria de Diogo Faleiro. — Fortes da *Penha de Palhaes*, de S. José de Ribamar, da *Cruz Quebrada* e da *Boa Viagem*. — Gruta cavada n'uma rocha. — *Os primeiros trabalhos litterarios do Padre Francisco da Silva Figueira* com uma introdução do conselheiro José Silvestre Ribeiro (Lisboa, 1863); *Descripção de hum prodigio raro e descoberto em huma lapa*, no dia 23 de maio de 1822, na ribeira do rio Jamor, freguezia de S. João de Carnaxide (Lisboa, 1822); *Memoria de huma lapa descoberta no dia 28 de maio de 1822*, na ribeira do Jamor, freguezia de Carnaxide, e os mais acontecimentos que depois se lhe seguirão (Lisboa, 1822); *Narração da descoberta da imagem de N. S.ª da Conceição da Rocha* em o dia 31 de maio de 1822, na ribeira de Jamor, freguezia de Carnaxide... com a descripção do que se tem passado até 29 de agosto de 1824 em que na cidade do Porto se collocou uma copia da ... imagem na igreja... da Graça (Porto, 1824); *Occidente*, vol. vi, pag. 229; xvi, 122; *Archeologo Portuguez*, n.º 7, pag. 177.

Carnide — freg., conc. de Lisboa. — Convento de N. S.ª da Luz, de freiras carmelitas descalças, de S.ª Thereza; fund. em 1340 pela infanta D. Maria, filha do rei D. Manuel e de sua terceira mulher, D. Leonor. Na capella maior está sepultada a fundadora. Este convento foi reedificado em 1680 pela infanta D. Maria, filha natural de D. João IV. — Convento de frades carmelitas descalços de S. João da Cruz, fund. em 1612 pela princeza Michaela Margarida, filha de Rodolpho II, imperador da Allemanha, que n'elle está sepultada. «Augmentou-o e enriqueceu-o com muitas rendas e joias a infanta D. Maria, filha natural de D. João IV, que aqui viveu desde 1649 até ao anno em que morreu (1693) e tambem aqui jaz no côro de baixo.» — Convento de freiras da Conceição, fund. em 1694 por Nuno Barreto Fuzeiro. — Hospital concluido em 1618. E' fundação da infanta D. Maria, filha do rei D. Manuel. Acha-se n'elle estabelecido o Real Collegio Militar. — *Archivo Pittoresco*, vi; *O lindo sitio de Carnide* pelo sr. Gabriel Pereira (1898).

Carquere — freg., conc. de Rezende. — Igreja matriz, de architectura gothica; foi templo de Diana, mesquita arabe, convento de frades de S. Bento e hospicio de jesuitas. Da parte do Evangelho ha uma sepultura de um bispo. Quatro tumulos de pedra na *capella dos Almirantes*. — *Antiguidades de Carquere* (*Revista Archeologica*, ii, n.º 8.).

Carraceira — serra, freg. de Santa Marinha do Tropêço, conc. de Arouca. — Minas abandonadas (do tempo dos romanos ou dos arabes) no sitio chamado *dos Sele Buracos*.

Carrapateira e Rapozeira ou **Rapozzeira e Carrapateira** — freg., conc. de Lagos. — Fortaleza feita em 1673 e reedificada em 1742:

«é quadrada e em cada canto tem um baluarte, que antigamente era defendido por seis peças. Está tudo arruinado desde 1733.» Igreja no centro da fortaleza.

Carrazeda de Anciães — *Archeologo Português*, pag. 135; Artigos do rev. sr. José Augusto Tavares, parócho de Ligares, no jornal *O Moncorcense* e no *Archeologo Português*, pag. 107; *Apontamentos de geologia agrícola* pelo sr. F. de Figueiredo, pag. 172.

Carrazedo — freg., conc. de Bragança — Castellos arruinados: *Castro-Carrazedo, Ceára e Modorras*. *Archeol. Portug.* III, n.º 12, pag. 283.

Carrazedo do Bouro — freg., conc. de Amares. — Torre quadrada, com ameias e da altura de 14,66, tendo por baixo uma inscrição em portuguez. — N'uma capella da igreja matriz, reedificada em 1730, foi sepultado o poeta Francisco Sá de Miranda, cujo epitaphio, em latim e portuguez, está escripto em duas grandes pedras da parede da mesma capella. — *O Minho Pittoresco*, t. I, 424.

Carregal — freg., conc. de Sernancelhe. — Convento de freiras bernardas, fund. por D. Maria, mulher de Paulo Homem Telles, governador da Beira.

Carregueiros — freg., conc. de Thomar. — Na capella de Santo Antonio dos Pégões está um tumulo com inscrição; e no aqueducto mandado fazer pelo rei D. Philippe I ha outra inscrição, que, assim como a primeira, é em portuguez.

Carreira e Fonte Coberta — freg., conc. de Barcellos. — Capella de N. S.ª da Penha, junto á Torre de Penagate, que é antiquissima, com 66 palmos d'alto e 35 de largo, bella cantaria; tinha ameias, a maior parte das quaes já cahiram.

Carreiras (S. Miguel) — freg., conc. de Villa Verde. — Vestigios de uma antiga Torre, onde viveu D. Egas Paes, grande valido do conde D. Henrique. Junto aos alicerces d'esta, ha outra torre mais moderna.

Carriche — aldeia, freg., de S. João Baptista do Lumiar, termo de Lisboa. — Padrão commemorativo do descasto succedido em 1671. No pedestal tem uma inscrição em portuguez. Capella do Senhor Jesus Roubado.

Cartaxo — villa e concelho. — Convento de frades franciscanos observantes. — *Cartaxo no anno de 1831*.

Carvalhal Redondo — freg., conc. de Nellas. — Antiquissima capella de N. S.ª do Viso.

Carvalheira — freg., conc. de Terras do Bouro. — Inscrição latina n'um dos arcos da ponte de alvenaria em Cabaninhas. — *O Minho Pittoresco*, t. I, 470.

Carvalho — villa, conc. de Penacova. — Albergaria de Santo Antonio do Cantaro. E' talvez do sec. XII.

Carvoeiro ou Carvoeira — freg., conc. de Viana. — Convento de Santa Maria de Carvoeiro, de monges bentos, fund. na era de Cesar, 923 (883 de Jesus Christo) por D. Payo Guterres. — *Corpus-Inscrip. Hisp. Latin.*, vol. II, 23.

Carvoeiro ou Carvoeira — villa, conc. de Mação. — Misericórdia e hospital, instituidos no sec. XVII pelo padre Jorge Fernandes. — *O Minho Pittoresco*, t. I, 235.

Cascaes — aldeia, conc. de Villa do Conde. — Monte do Castello, onde, segundo a tradição, houve

fortaleza mourisca. No monte da *Reguenga*, vestigios de uma estrada occulta que ia dar ao rio Ave. «Suppõe-se ser obra dos romanos.»

Cascaes — villa e concelho. — Praça d'armas maritima, defendida por um castello e dois fortes. — Inscrição em portuguez n'uma lapida do cemiterio construido nas ruínas da capella do Rosario; outra na capella pertencente ao sr. Francisco Marques Leal Pancada; outra na base da cruz de pedra junto á capella dos Innocentes; outra no arco grande da muralha do lado da praia, por baixo das armas de Portugal; outra no armazem que está na praça; e outra sobre a porta da entrada da fortaleza. — Grutas perto da Pombeira «todas forradas e tapetadas por poderosas camadas de stalactites e stalagmites.» — Forte de Nossa Senhora da Luz. — Capella de N. S.ª da Victoria, onde está a imagem de Santo Antonio, que o regimento de infantaria n.º 19 trazia sempre comsigo em toda a guerra peninsular. — Ruínas do convento de frades carmelitas descalços, «princiado em 1594 por iniciativa do conde de Monsanto D. Antonio de Castro, e de sua mulher D. Ignez Pimentel, filha de Martim Affonso de Sousa, vice-rei da India». — Igreja matriz com as paredes forradas de azulejos. — Capella de S. Pedro Gonçalves, reedificada em 1729: é octogona. — Convento dos recoletos de S. Francisco, vulgarmente de Santo Antonio do Estoril, fund. em 1525. — *Apontamentos para a historia da villa e concelho de Cascaes* pelo sr. Pedro Lourenço de Seixas Borges Barruncho (1873); *Relatorio e mappas acerca dos edif. que decem ser classif. mon. nac.*; *Excursion à Cascaes et Cintra* (Congrès international d'anthropologie, etc. 1880, *Compte-rendu*, pag. 73); *Ruínas romanas da Malveira de Cascaes. Sepulturas romanas de Caparide. Grutas prehistoricas de Cascaes* — pelo sr. Leite de Vasconcellos (*Archeologo Português*, I, n.º 9, pag. 246); *Branco e Negro*, t. II; *Archeol. Port.*, II, n.ºs 4 e 5, 112.

Castanheira — villa e conc. de Villa Franca de Xira. — Conventos: de freiras franciscanas de N. S.ª da Annunciada, fund. por D. Fernando de Athaide, filho de D. Pedro de Athaide, em 1514; de frades capuchos, de Santo Antonio, fund. em 1400 por D. Pedro de Alemancos.

Castanheira de Penas Royas — freg., conc. de Mogadouro. — Convento de frades bentos denominados de S. Martinho da Castanheira e depois do Lago.

Castanheira e Roriz (chamava-se antigamente **Cimo de Villa da Castanheira** — Torre construida pelos romanos, perto da igreja matriz, e na frente d'esta a capella de S. Sebastião, «que pela sua architectura mostra ter sido fortaleza mourisca.»

Castello — monte, freg. de Mançores, conc. de Arouca. — Em 1843 appareceram aqui dois capacetes romanos de cobre, e parte do machado de uma acha de armas, de bronze. — No lado O. ha varias mãmoas, um dolmen e vestigios de *carns*. — E' tradição ter havido n'este monte uma fortaleza e uma povoação romana. Vestigios de alicerces.

Castello ou S. Thomé do Castello — freg., conc. de Villa Real. — Vestigios de um castello preromano.

Castello Bom — villa, conc. de Almeida. — Cas-

tello desmantelado e uma torre, do tempo do rei D. Diniz. — *Relat. e mappas acerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *Archivo historico*, vol. 1.

Castello Branco, cidade. — Teem aqui apparecido, por varias vezes, cippos e inscrições romanas. — Castello em ruinas. — Conventos: de frades capuchos, de Santo Antonio, fund. em 1562 por D. Fernando de Menezes, e de eremitas de Santo Agostinho (convento da Graça) «que primeiro foi de franciscanos, até 1526, em que passou para agostinhos.» — Palacio episcopal principiado em 1590 por D. Nuno da Cunha, bispo da Guarda. — *Monographia de Castello Branco* pelo sr. Antonio Roxo; *A proposito da «Monographia de Castello Branco»* pelo sr. José Germano da Cunha; *Archivo historico*, vol. II; *As cidades e as villas* por Vilhena Barbosa; *A torre dos namorados* — tradição antiquissima no concelho do Fundão com um «Preambulo historico sobre a invasão dos arabes nas Hespanhas e varias noticias do districto de Castello Branco» pelo sr. José Germano da Cunha; *Noticias archeologicas de Portugal* pelo sr. dr. Emilio Hübnér. — *Memorial chronologico e descriptivo da cidade de Castello Branco* por Joaquim Augusto Porphyrio da Silva (Lisboa, 1853); *Apontam. de geologia agricola* pelo sr. F. de Figueiredo, pag. 115.

Castello d'Espinho (ou de **S. Pedro Fins**) — pico notavel, freg. de S. Pedro Fins, conc. de Amares. — Vestigios de uma antiquissima atalaia. Também aqui houve um facho.

Castello de Paiva (vulgarmente *Paiva*) — villa e concelho. — Mâmoas de *Monte grande*, proximo a *Serradello* e nos montes da *Cruz d'Ancin*, além de muitas antas em diferentes partes. Na freguezia de Fornos, no sitio chamado *Castello de Baixo*, um dolmen maior do que nenhum de Portugal. — Na aldeia de *Fundões*, freg. de Sobrado, ha ruínas de um templo romano; na aldeia de *Felgueiras* teem apparecido grandes pedaços de mosaico; em *Gerride*, uma capella que foi mesquita arabe; e no monte de *Corvite* um almocabar ou cemiterio arabe. — Duas mâmoas em *Paradua*. (Vej. **Sobrado de Paiva**.) — *Corpus — Inscr. Hisp. Latin.*, vol. II, 333; *Introdução á archeologia da peninsula iberica*; *O districto de Aveiro* pelo sr. Marques Gomes; *Antiquidades do concelho de Castello de Paiva* por Pinho Leal, no *Bolet. da R. Assoc. dos Arch. e Archeol. Port.*, 1875, pag. 86.

Castello de Paiva — aldeia, freg. de Fornos, conc. de Castello de Paiva. — Dolmen incompleto e de singular feitio. — Mórro, chamado *o Castello*, em frente d'esta aldeia, no meio do Douro — *Apontamentos de geologia agricola* pelo sr. F. de Figueiredo, pag. 172.

Castello do Penalva ou Penalva do Castello — villa, conc. de Penalva do Castello. — Vestigios de uma grande povoação antiga, na serra da *Peramuna*.

Castello Melhor — villa, conc. de Villa Nova de Foz-Côa. — Castello com barbacan, do tempo do rei D. Diniz; tudo desmantelado. — A 5 k de distancia, vestigios de uma antiquissima povoação.

Castello Mendo — villa, conc. de Almeida. — Castello mandado construir por D. Diniz. — *Archivo*

historico, vol. I; *Pelourinhos* por Vilhena Barbosa (*Estudos historicos e archeologicos*, t. I, 269).

Castello ou S. Thomé do Castello — freg., conc. de Villa Real. — Ruínas de um castello cujos fundadores são desconhecidos, tal é a sua antiguidade.

Castello Novo — villa, concelho do Fundão. — *O Castello de Alpreada* foi a primeira doação que a mãe do rei D. Affonso Henriques fez aos templários. Estes reformaram-no, dando-lhe o nome, que tem agora, de *Castello Novo*. A ermida de *N. S.ª do Mosteiro* é tambem fundação delles (sec. XII). — Castello em ruínas, segundo uns, fund. pelo rei D. Diniz e segundo outros por D. Pedro Soeiro. — Chafariz muito antigo. — *Apontamentos para a historia do Concelho do Fundão* pelo sr. José Germano da Cunha.

Castello Rodrigo — villa, conc. da Figueira de Castello Rodrigo. — Castello do tempo de D. Diniz; tem torre de menagem. — Ruínas do sumptuoso palacio de D. Christovam de Moura. — Cruz de Pedro Jacques, com inscrição commemorativa de uma batalha contra os castelhanos em 7 de Julho de 1664. — *Archivo historico*, vol. II; *Relat. e mappas acerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *As cidades e as villas* por Vilhena Barbosa.

Castello de Vide — villa e concelho. — Castello antiquissimo, talvez do tempo dos romanos, reedificado por D. Diniz, que lhe fez a torre de menagem. — Antas em *Alcogulo*, a 7 kilom. da villa. — Misericórdia e hospital, instit. por fr. Miguel Contreiras no reinado de D. Manuel. — Conventos: de *N. S.ª da Conceição*, de *recoletos* de S. Francisco; e de *N. S.ª da Victoria*, de hospitaleiros de S. João de Deus. — Albergaria de S. Domingos. — Monumento a el-rei D. Pedro V, inaugurado em 29 de setembro de 1873. — *Archivo historico*, vol. II; *Relat. e mappas acerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *As cidades e as villas* por Vilhena Barbosa; *Descrição de alguns dolmens ou antas de Portugal* pelo dr. Francisco Antonio Pereira da Costa; *Apontamentos archeologicos. Porta de Aramenha* pelo dr. Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão (*Bolet. da R. Assoc. dos Arch. e Archeol. Portug.*, 1874, pag. 25); *Occidente*, vol. X, pag. 186, 206, xv, 196, 213; *Oito dias no Alemtejo* (*Occidente*, xv, 139, 147, 159, 166, 173, 179, 191, 196, 207, 211); *O Archeologo Português*, 1893, n.º 7, pag. 191; *Branco e Negro*, 1896, n.º 17 e 18; *Occidente*, XIX, 634; *Arch. e Pittor.*, XI.

Castello Viegas — freg., conc. de Coimbra. — Convento (duplex) de conegos e conegas de Santo Agostinho fund. em 1084 por D. Sismundo, conde e governador de Coimbra. Este convento chamava-se tambem de *S. Jorge a par de Coimbra*. Em 1568 foi unido ao de Santa Cruz. Varias sepulchras, incluindo a do prior Jorge Coelho, irmão do celebre Nicolau Coelho, companheiro de Vasco da Gama.

Castellões ou Castellãos — freg., conc. de Macedo de Cavalleiros. — Vestigios de uma fortaleza mourisca. Tradição de que no sitio do *Castello*, onde está a capella de S. Bernardino, existiu uma povoação de mouros.

(Continua)

UM MONUMENTO BYZANTINO-LATINO EM PORTUGAL

Se o domínio da civilização romana é attestado de uma maneira brilhante na Lusitania e Galliza por muitos e importantes restos architectonicos, outro tanto não succede nos seis seculos que a seguiram até ao momento da constituição da nacionalidade portugueza. São de facto raros em Portugal os vestígios até hoje encontrados de origem anterior ao seculo X; quer-nos parecer todavia que um estudo systematico dos monumentos, principalmente do norte do paiz, muito havia de contribuir para aclarar as trevas que envolvem a historia da primitiva arte christã em Portugal.

Existem nas immedições de Braga, no extinto convento de S. Francisco, envolvidos na fabrica d'este edificio, que foi construido no principio do seculo passado ou fim do seculo XVII, restos importantes de um monumento cuja architectura particular e caracter de suas esculpturas nos auctorisam a attribui-los a uma epocha muito remota.

Entrando na egreja do dito convento pela porta principal, depara-se-nos ao lado direito uma especie de capella de fôrma quadrangular, a que dá accesso uma escada de pedra de alguns degraus. Esta capella, superior ao nivel da nave, é formada por quatro pilares ligados entre si por arcos de volta inteira que supportam as quatro paredes do edificio, coberto por uma cupula de tijolo de fôrma achatada, construida sobre pendentes. No vão de tres dos arcos, mais por effeito decorativo, do que em virtude das regras de construcção, desenvolve-se uma triplice arcada supportada por columnas de marmore, encimadas de fustes do mesmo material. A modelação e desenho tanto d'estes como dos capiteis pilastras, que guarnecem os pilares á altura do nascente dos arcos, fazem lembrar á primeira impressão as esculpturas classico-romanas. E n'isto não só definem perfeitamente a epocha que as produziu, mas confirmam mais uma vez que é muito acertada a opinião que a respeito da arte christã-antiga na península formaram os archeologos em vista dos numerosos vestígios encontrados em Hespanha. E que esta arte, longe de possuir independencia artistica, segue as praticas tradicionaes dos seus antepassados, corrompendo e abastardando a arte romana.

A relativa finura de execução d'estes capiteis em nada harmonisa, porém, com o aparelho tosco e mal feito das cantarias de granito, contraste que mais ainda se accentua na cornija do exterior da lanterna ou cupula, onde, ao lado de um friso de marmore de trabalho cuidado, se encontram uns denticulos de granito disformes e irregulares. Esta circumstancia, como o facto de se empregar um material mais fino para a execução da parte esculptu-

ral, leva-nos a concluir que os artistas constructores, ignorantes no tratamento do granito, vieram de regiões longinquoas, e recorreram, para a execução dos trechos ornamentados, a material cujo tratamento lhes era familiar. A cornija do exterior mostra isto de maneira mais positiva. Todas estas particularidades de construcção, a planta e proporções do edificio, permitem-nos concluir *que estamos em presença de importantes vestígios de construcção christã antiga* na fôrma de um corpo central de alguma egreja edificada segundo o plano das basilicas byzantino-latinas.

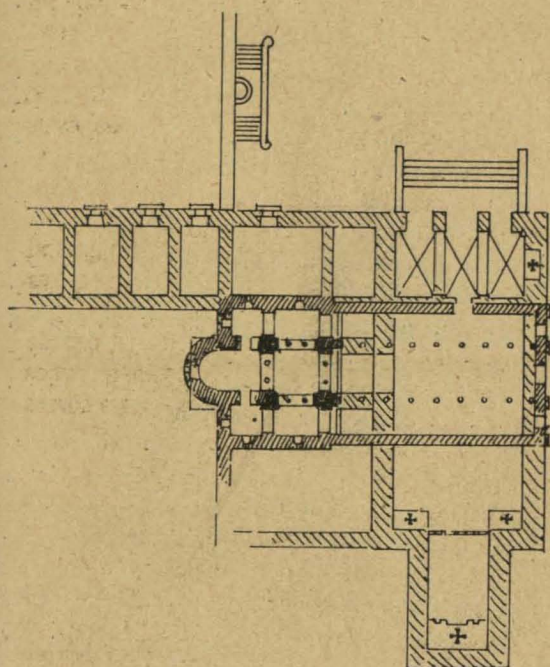
Felizmente a historia não nos deixa em duvida sobre a idade e origem d'este curioso edificio, cujos restos milagrosamente se conservaram até aos nossos dias.

Foi cerca do anno 550 da era hespanhola, pela epocha em que no sul da Italia S. Bento pregára contra o paganismo, que seus primeiros discipulos por via de França entraram na provincia de Entre-Douro e Minho, estabelecendo as suas missões nas proximidades de Braga. Protegidos e auxiliados pelo rei Theodamiro (dos suevos, então senhores da Galliza) levantaram com grande magnificencia o Mosteiro Abacial de Dume, mais tarde elevado á dignidade de Sé Cathedral, cujo primeiro bispo foi o seu proprio fundador, S. Martinho, que morreu bispo metropolitano de Braga. D'este Mosteiro de Dume, destruido pela invasão dos Mouros na península, nada se conservou.

Cem annos depois da sua fundação, era governado o bispado por S. Fructuoso, oitavo bispo Dumiense, como consta do 10.º Concilio de Toledo, a que assistiu e em que foi eleito Metropolitano de Braga pelos seus grandes merecimentos, governando assim um e outro bispados até á sua morte, como já fizera S. Martinho.

Foi este que nos ultimos annos da sua vida mandou, nos arredores da cidade, edificar um mosteiro para n'elle ser enterrado, e a que deu o nome de S. Salvador. Terminada a sua construcção, levou para ali 40 monges.

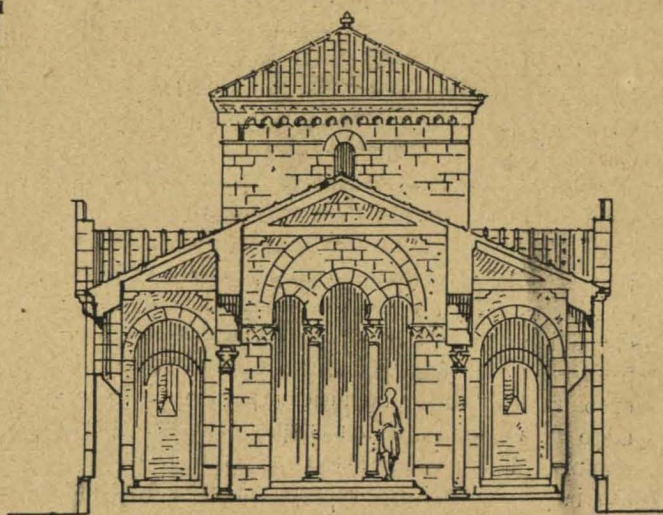
S. Fructuoso, sentindo já a morte proxima, fez-se transportar do seu paço de Braga para o novo mosteiro, onde pouco depois expirou. E accrescenta a chronica (que dá a sua morte pelo anno de 659) que os frades receiosos que lhes roubassem o precioso thesouro do seu corpo, sepultaram os seus restos mortaes antes de abrirem as portas da egreja e dobrarem os sinos. E que estes receios não eram infundados, prova-o o roubo das mesmas reliquias, passados 460 annos, pelo arcebispo de S. Thiago de Galliza, D. Diogo de Gelmires. Este prelado a cuja jurisdicção ainda pertenciam algumas egrejas na provincia do Minho, sabendo que estava em Roma o arcebispo de Braga,



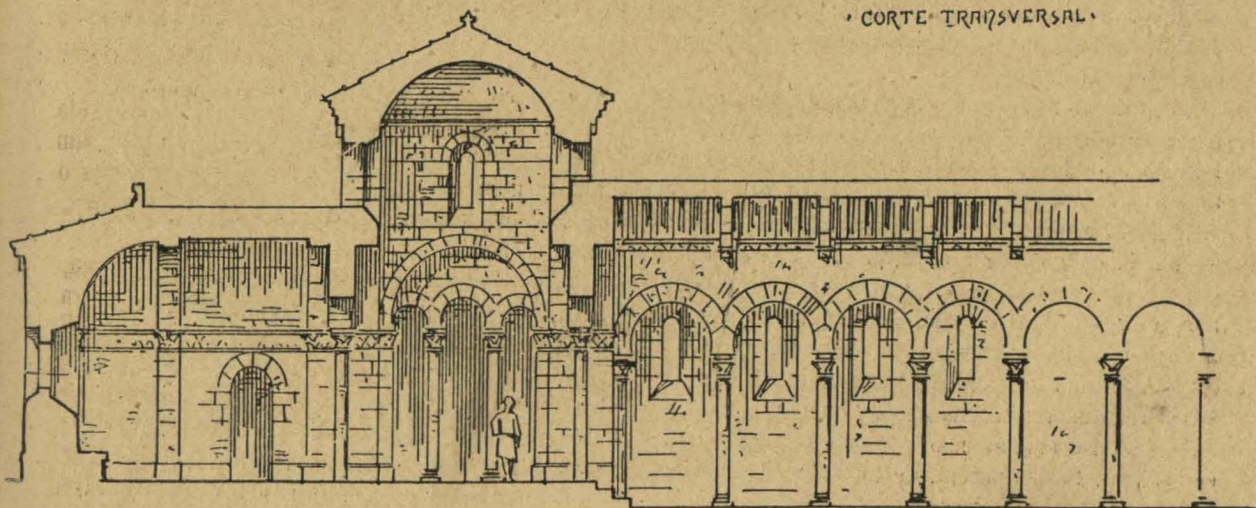
EGREJA DE
S. SALVADOR DE
MONTÉLIOS

CONJECTURAS SOBRE
A SUA FORMA PRIMITIVA.

AS EDIFICAÇÕES
DO MODERNO CONVENTO DE
S. FRANCISCO EM RELAÇÃO
AO PLANO PROVÁVEL DA
PRIMITIVA BASÍLICA DAT.^a
DO SÉCULO VI.



• CORTE TRANSVERSAL •



• CORTE LONGITUDINAL •

Handwritten signature
91

S. Giraldo, veiu em segredo a S. Salvador, abriu a sepultura e levou as santas reliquias para a Sé de Santiago, onde, em uma capella por elle mandada fazer, foram postas dentro de uma arca de prata ricamente lavrada. (a)

O sitio do Mosteiro de S. Salvador, segundo o mesmo chronista, «foy muy perto de Braga para a parte do norte em hum pequeno outeiro chamado Montelbos» e d'elle diz o auctor da corographia portugueza «foi um dos mais notaveis que teve a ordem de S. Bento e o destruíram de todo os Mouros, ficando só a egreja que hoje existe, lavrada em fôrma de cruz, com vinte e duas columnas de marmore que a sustentam.»

Segundo esta descripção, pôde concluir-se que a egreja ha duzentos annos ainda estava completa, pois d'aquellas columnas apenas hoje existem seis que com as restantes duas, facilmente applicaveis, formavam as quatro arcadas do supposto corpo central da primitiva egreja.

Sobre a fôrma d'esta, porém, ha muitas conjecturas. Pela descripção do chronista parece que era uma egreja de disposição central segundo o plano dos templos byzantino-gregos, fôrma adoptada em muitas egrejas e capellas mesmo da Europa occidental e anteriores ao seculo XI. Mas, na supposição de um plano em fôrma de cruz grega, não encontramos sensata applicação para o citado numero de columnas. Ahi nos quer parecer que o chronista a fallar em forma de cruz talvez não queria precisamente especificar um templo de disposição central, pois não é de estranhar que o impressionasse particularmente uma egreja de cruzeiro e zimbório, em uma epocha em que quasi todas as egrejas portuguezas se construiam com uma só nave e sem cruzeiro.

Por este motivo não nos repugna acceitar a hypothese de um plano segundo as basilicas byzantino-latinas, cuja fôrma muito mais se harmonisa com as partes ainda existentes do edificio e que pela sua disposição nos permite dar applicação logica ao numero de columnas de que falla o auctor da Corographia Portugueza. E na verdade, imaginando duas ordens de columnas de sete cada uma a formar as tres naves, perfaz-se com as oito do corpo central o numero de vinte e duas

Os estudos de reconstituição que juntamos, por falta de base solida, não passam de uma simples conjectura. Seria, porém, de toda a vantagem para os estudos archeologicos, proceder-se a investigações tendentes a descobrir o plano primitivo do templo e relacional-o com os alinhamentos do edificio actual. Este trabalho é hoje muito difficil, pelo

facto de uma escandalosa restauração a que foi submettida a capella de S. Fructuoso, ha perto de dez annos, ficando barbaramente transfigurada tão importante reliquia da historia da arte peninsular.

Foram mandadas rebocar as seculares paredes de cantaria, coberta a cupula de tijollo por um hediondo estuque, e para completar a bella obra pintaram as paredes a fingir marmore côr de rosa!! Hoje subsistem para consolação do artista, apenas meia duzia de columnas monolithicas de marmore, os interessantes capiteis e as pilastras egualmente de marmore, o que juntamente ás caracteristicas proporções do edificio que não poderam ser estragadas pelos estucadores, é ainda bem sufficiente para exprimir toda uma epocha historica.

Este facto de vandalismo ainda ha pouco impunemente commettido n'um monumento que devia ter merecido a attenção do Governo, é mais uma prova de quanto se torna indispensavel o arrolamento official de todos os monumentos e objectos de importante valor historico-artistico a fim de tornar possível a sua vigilância e protecção da parte do Governo.

Leiria, 20 de Dezembro de 1897.

Ernesto Korrodi,

Professor de ensino industrial

RELATORIO SOBRE A BIBLIOTHECA DA ASSOCIAÇÃO

Senhores: — Em obediencia ao que preceitua o art. 9.º do regulamento d'esta Real Associação, de 7 de novembro de 1891, cumpre-nos o dever de fazer subir ao conhecimento da Assembléa Geral e submeter á sua illustrada apreciação o seguinte relatorio:

No decurso do anno de 1897 recebemos com destino á bibliotheca d'esta Associação, 75 publicações, que comprehendem 39 volumes e 107 folhetos e fasciculos, constituindo parte d'estas publicações continuação d'obras ali existentes, além de outras que de novo vieram augmentar-lhe o valor e interesse.

Tratam essas publicações dos assumptos seguintes: Historia, geographia, anthropologia, sciencias naturaes e sociaes, architectura, archeologia nos seus differentes ramos, prehistoria, epigraphia, numismatica, etc.; agricultura, artes, industrias, pedagogia e variedades, escriptas em diversos idiomas e provenientes de donativos de associações, na sua maioria scientificas, nacionaes e estrangeiras; museu ethnologico, ministerios do Reino, Marinha e Obras Publicas e dos srs.: Albano Bellino, Aleixo Clemente Messias Gomes, Alfredo Leite Miguens,

(a) Chronica da Ordem de S. Bento, t. I.

dr. Antonio dos Santos Rocha, Ascensão Valdez, Cavalleiro e Sousa, Francisco Liberato Telles de Castro, Fonseca Cardoso, Gabriel Pereira, Joaquim Rasteiro, Leite e Vasconcellos, Lino d'Assumpção, Martinho Augusto da Fonseca, Maximiano d'Aragão, Peres, Rocha Dias, D. Ramon O'Callaghan e Silva Pereira, constando do mappa appenso o assumpto de que tratam, em que lingua são escriptas e qual a sua proveniencia.

As publicações indicadas no mappa devemos acrescentar o Diario do Governo, Boletim Municipal do concelho de Lourenço Marques, desde o n.º 1; Conimbricense, desde o n.º 5217; Manuelinho d'Evora, desde o n.º 798; Gazette Diplomatique et Consulaire du Portugal, desde o n.º 4; A Construcção, órgão da Associação de classe dos Constructores Civis e Mestres d'Obras, do n.º 1 a 31; e alguns numeros do Correio da Estremadura, Aurora do Cavado e Revista das Colonias.

Tambem recebemos differentes desenhos de estudo para a construcção de varios templos, elaborados pelo distincto architecto Francisco Xavier Fabri, que tanta parte tomou na reconstrucção da cidade de Lisboa depois do memoravel terremoto de 1755, offerecidos pelo nosso vice-presidente o sr. Valentim José Corrêa.

Seis photographias representando differentes partes da egreja e mosteiro de S. Salvador de Grijó, offerecidas pelo sr. José Pinto da Silva Ventura e acompanhadas d'uma noticia historica d'aquelle mosteiro, noticia que principiou a ser publicada no nosso *Boletim*, n.º 10 da 3.ª serie.

Photographia do cruzador couraçado da Marinha de Guerra Portugueza «Adamastor» com uma breve e resumida descripção da sua construcção, dimensões, deslocação, força d'expansão, velocidade normal e com tiragem forçada, e da sua artilheria.

A larga distribuição do nosso *Boletim*, que dignamente continua mantendo a reputação, auctoridade e consideração que esta Real Associação tem sempre merecido, devemos a troca d'algumas publicações valiosas como são as da Academia Real de Bellas Lettras, Historia e Antiguidades de Stokholm, o *Boletim* da Sociedade Archeologica Barcelonesa, sociedade que, pela importancia dos seus trabalhos, tem grangeado a sympathia e estima do publico illustrado; Branco e Negro, apreciavel e bem conhecida publicação, e outras que vieram dar brilho á nossa bibliotheca.

Da Sociedade dos Engenheiros e Architectos de Palermo recebemos uma interessante noticia do theatro maximo Victor Manuel, acompanhada de plantas, alçados, cortes, detalhes e vistas representando aquelle bello edificio erigido em Palermo, cidade rica em monumentos da idade media e do renascimento, possuidora de importantes e opulen-

tos vestigios que ali deixaram da sua passagem os Romanos, os Sarracenos, Normandos e Hespanhoes; notavel na historia pelas famigeradas *Vesperas Sicilianas*, revolução popular que ali teve principio e mais accentuado desenvolvimento em a noite memoravel de 31 de março de 1282, contra o jugo oppressor de Carlos d'Anju, irmão de S. Luiz, Rei de França.

Dizia Custine que a architectura é «a physionomia das nações», e Balzac chamou-lhe «expressão da civilisação d'um povo.» Confirma a Italia estes aphorismos pela profusão, belleza e magestade dos seus edificios architectonicos e pelas maravilhas d'arte que elles encerram, expressão da alma e poesia d'um povo, inspirado n'um ceu azul, puro e limpo, na serenidade dos seus lagos de crystal e na suavidade e doçura do clima d'aquelle grande e formoso paiz!

Portugal tambem possui monumentos d'architectura que fallam alto e caracterisam um povo, grande pela elevação de sentimentos, illustre pelos feitos, ufano das suas tradições, zeloso de sua independencia, levantado pelo denodado arrojo das suas emprezas maritimas que illustraram a patria e levaram a civilisação ás cinco partes do mundo, assombrado pelo pendão glorioso das quinas! Povo nobre que inspirou, pelo esplendor das suas acções heroicas, essa epopeia sublime que immortalisou Camões e eternizou o nome portuguez!

Em homenagem ao merito dos seus auctores chamamos a attenção dos nossos socios para as obras seguintes:

«Religiões da Lusitania», pelo sr. Leite de Vasconcellos, espirito esclarecido e philosophico, incansavel investigador dos nossos monumentos archeologicos, infatigavel em colher lendas e tradições populares de que o seu reconhecido criterio tirou preciosas illações. Depois de aturado e maduro estudo acaba de publicar o primeiro volume da sua bella obra que justifica a reputação e auctoridade scientifica do auctor.

«Estudos Eborenses», pelo illustre academico o sr. Gabriel Pereira, archeologo e escriptor distincto; tão nosso, tão desvelado pelas cousas da patria, tão dedicado em fazer reviver as glorias da antiga cidade de Evora, onde se deram factos notaveis e de tão alta importancia historica, que os seus escriptos estão recommendados, não só aos que prezam o estudo, como a todo o portuguez que pugna pelo lustre da patria.

«Algumas noticias para a descripção historica dos logares de Alcainça, Malveira e Carrasqueira, do concelho de Mafra», pelo sr. Ascensão Valdez, modesto titulo d'um excellent e consciencioso trabalho comprovado com grande copia de preciosas notas. N'este interessante estudo reivindica o auctor para

o major do Real Corpo de Engenheiros, José Maria das Neves Costa, a honra de ter concebido e delineado o plano das celebres linhas de Torres Vedras, adoptado mais tarde pelos officiaes inglezes que para si usurparam a glória d'aquella importante construcção militar!

«Memorias sobre a Antiguidade», pelo sr. dr. Santos Rocha, escriptas com clareza, sabio e prudente criterio.

«Novas inscripções Romanas de Braga», pelo sr. Albano Bellino, já nosso conhecido e vantajosamente apreciado pelos seus estudos epigraphicos.

«Convento do Bom Jesus de Vizeu, e os Estudos Historicos sobre a Pintura», pelo sr. Maximiano de Aragão, justamente apreciado pela importancia e valor dos seus trabalhos.

«Quinta e Palacio da Bacalhoa», pelo sr. Joaquim Rasteiro, estudo erudito e consciencioso que honra o auctor e mantém sempre o interesse do leitor.

«Subsidios para um dictionario de pseudonymos iniciaes e obras anonymas de escriptores portuguezes», pelo sr. Martinho Augusto da Fonseca, precedidos por um breve prologo devido á penna do nosso amigo e erudito academico o sr. dr. Theophilo Braga, que, com justiça, aprecia lisongeiramente aquelle trabalho que se recommenda pela sua reconhecida utilidade.

E ainda para as obras com que a Sociedade de Geographia de Lisboa contribue para a commemoção do quarto centenario do descobrimento da India, em que figuram nomes de reputação litteraria como os dos srs. Luciano Cordeiro, Fernandes Costa e outros que honram as letras.

Enriqueceu a nossa bibliotheca o elogio historico, elaborado pelo sr. Visconde de Castilho, do nosso antigo Presidente o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, sempre lembrado com veneração e saudade por esta Associação.

Ficou memoravel para esta Sociedade o dia 28 de março do anno de 1897, em que Sua Magestade El-Rei Se dignou honrar-nos, fazendo-Se representar na Presidencia pelo seu ajudante de campo o sr. Conde de S. Januario, dando mais lustre e esplendor á sessão solemne que n'aquelle dia esta Real Associação celebrou e s. ex.^a abriu em nome do nosso Augusto Soberano.

Na presença de numeroso e selecto auditorio, leu, ou melhor, recitou o sr. Visconde de Castilho, com alma, elevação e sentimento de quem vem consciente, prestar tributo á memoria d'um amigo extremecido, homenagem aos dotes civicos e intellectuaes d'um cidadão prestante, respeito aos sentimentos altruistas e nobres do philanthropo, reverenciar a verdade, fazer justiça, o elogio historico do sr. Possidonio da Silva.

Foi brilhante na forma litteraria, rico nas ima-

gens, vigorosa, inflorada e poetica a descripção, levantado o sentido!

Colorido, verniz, cadencia, merito, nada faltou n'aquelle notavel discurso para transmittir ao auditorio os sentimentos que vibravam n'alma do seu auctor!

Amigo respeitoso e sincero que fomos do sr. Possidonio da Silva, reconhecido á sua memoria que nos reorda o mais cordeal e benevolo affecto, foi para nós gratissima aquella commemoção, expressão genuina do nosso sentir que os estreitos limites da nossa esphera não nos permittiam traduzir com a fidelidade, vigor e luzimento com que o fez o nosso prezado socio e amigo o sr. Visconde de Castilho.

Archivamos esse primoroso trabalho, digno da memoria d'aquelle a quem foi dedicado, digno do nome d'aquelle que o elaborou e digno d'esta Real Associação que o comprehende, aprecia e applaude.

Fallece-nos o tempo, espaço e competencia para apresentar á Assembléa, ainda em resumida exposição, uma apreciação do merito de outras obras recebidas que na generalidade se recommendam á attenção dos estudiosos garantindo lhes recompensa larga da sua applicação.

Restabelecemos na sala das sessões d'esta Associação a bibliotheca que, em tempo fora d'ahi removida para satisfazer exigencias de occasião.

Melhorando a sua disposição, que offerece mais commodidade e melhores condições d'estudo satisfizemos a necessidade de desaffrontar o tumulto do grande Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, mascarado com as estantes que obstruam a capella que o encerra.

Para dar nova ordem e melhor disposição ás obras, tivemos de renovar o catalogo, trabalho que temos adiantado e que teriamos concluido se tivéssemos obtido terminar os melhoramentos a que estamos procedendo na bibliotheca e que tomaram maior desenvolvimento, graças ao generoso donativo, que, com destino a essa applicação, offereceu o sr. Joaquim José da Nova, como opportunamente tivemos a honra de dar conhecimento á Associação, que tomou na devida consideração esta nova prova de dedicação e bizzaria do nosso benemerito socio.

Das contas do sr. Thesoureiro constam as despesas que fizemos por conta da dotação da bibliotheca, e logo que terminem os melhoramentos comprehendidos á custa do donativo do sr. Joaquim José da Nova, apresentaremos á Associação as contas e respectivos documentos, como nos cumpre.

Por occasião da remoção da bibliotheca fomos valiosa e espontaneamente coadjuvados pelo sr. Soares O'Sulivand, sempre solícito em servir esta Associação. Folgamos em reiterar-lhe aqui a expres-

são do nosso agradecimento pelo seu amavel e prestante auxilio.

Com satisfação cumprimos o grato dever de reconhecimento para com todos que, por qualquer fórma, concorreram para augmentar o merito e valor pa nossa bibliotheca, propondo que na acta d'esta sessão se faça menção d'um voto de agradecimento que exprima o subido apreço e consideração com que esta Real Associação recebeu essas demonstrações de deferencia, e quanto preza os trabalhos d'aquelles que concorrem com o seu estudo e diligencia para propagar e desenvolver os conhecimentos scientificos.

Finalmente, apraz ver como continuam e progredem com accentuado desenvolvimento os trabalhos, os estudos, as pesquisas, investigando a evolução d'um passado nublado que a sciencia vae illuminando com o seu facho fulgurante.

Descobriu e verificou a existencia do homem nas camadas inferiores do grupo post-pliocenico ou quaternario, estudou os tristes e penosos debutes da humanidade; patenteou a sua vida selvagem e bestial; manifestou a sua rudimentar e grosseira industria; provou o seu lento e progressivo desenvolvimento intellectual, até produzir as civilizações do Egypto, da Syria, da India, da Grecia, de Roma!

Não testemunho d'essa evolução os descobrimentos de Bucher de Perthes; o craneo de Neanderthal, que Fuhrrott descobriu entre Erberfeld e Dusseldorf, e que Quatrefages classificou *typico* da raça de Canstad, a mais antiga até hoje conhecida e que viveu nos principios da epocha quaternaria; o celebre maxillar da Noulette que Dupont encontrou n'uma caverna do valle da Lesse proximo de Dinant na Belgica, e que foi objecto de serios e interessantes estudos de Hamy, Pruner Bey e Topinard; os monumentos megalithicos; as habitações lacustres da Suissa e da Italia; os innumeraveis vestigios prehistoricos encontrados em toda a Europa, fóra d'ella e entre nós, até ás soberbas e imponentes ruínas da architectura d'essas civilizações!

São outras tantas paginas da historia que resistiram á acção destruidora do tempo, para nos dizerem da miseravel infancia da humanidade; dos costumes, das crenças, da religião, da politica, das glorias, do fausto, finalmente do viver d'essas gerações que nos legaram em herança, bem como as que lhes succederam, esse rico cabedal de conhecimentos lenta e penosamente accumulado com esforço durante largos seculos!

Devemós a essas gerações grande reconhecimento, muita gratidão e extremo respeito!

Devemos a essa herança as aptidões dos nossos cerebros, tão desenvolvidas e brilhantemente manifestadas no presente seculo que está a findar e fi-

cará gravado em letras d'ouro nos annaes da sciencia, para assombro da posteridade, pelas descobertas, pelos inventos, pelas artes, pelas indústrias, pelos aperfeiçoamentos e progressos de toda a especie que o tem illustrado e transformaram o viver das sociedades, rasgando novos horisontes ao espirito humano, abrindo-lhe novas vias para novos commettimentos; livre de phantasias, desassombrado de preconceitos, guiados com passo firme e seguro pelo methodo experimental e positivo da observação dos factos sensiveis que Bacon, o chancellor da Inglaterra, preconizou com razão, desconfiado d'essas construcções em que o espirito tira tudo do seu proprio fundo como a aranha tira do seu seio a substancia da sua teia; *admiravel*, dizia elle, *pela perfeição e delicadeza do trabalho, mas sem prestimo nem solidez*.

Este progresso, este desenvolvimento, este aperfeiçoamento intellectual a que aspira a humanidade atrahida pelo clarão luminoso da sciencia, é precursor d'outro aperfeiçoamento, sua consequencia impreterivel, não menos sublime, não menos proveitoso, de não menos alcance, de não menos benéfica influencia na vida individual, na vida social; o progresso e aperfeiçoamento moral!

É lei biologica que a paleontologia confirma que, quanto mais complexo é o organismo, tanto mais rapida a sua transformação e progresso no aperfeiçoamento.

São as sociedades organismos sujeitos á acção da mesma lei evolutiva, e quanto mais rudimentar é a sua civilização tanto mais lento o seu desenvolvimento.

Lentos foram os progressos da humanidade na idade da pedra, menos morosos na idade do bronze, mais rapidos na idade do ferro. N'esta progressão evolutiva adquiriram as sociedades modernas uma organização mais complexa e perfeita entrando n'uma phase intellectual e scientifica que vae derrocando as velhas concepções metaphysicas e assentando em bases solidas e positivas os fundamentos da razão humana.

Designaremos o periodo actual como os passados pelo nome de qualquer substancia? Será da polvora, do vapor, da electricidade? Não: É a idade da Sciencia!

Eugenio Huzar annunciou, em tom dogmatico: *La fin du monde par la science (!)*.

Nós em tom modesto e convicção sincera, terminamos dizendo como Eugenio Pelletan: *Le monde marche!*...

Museu do Carmo, 13 de fevereiro de 1898.

O Bibliothecario,

Visconde da Torre da Murta.

**Mappa demonstrativo das publicações recebidas para a biblioteca da
Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes durante o anno de 1897
e designação das suas proveniencias**

Titulo das publicações	Numero de volumes	N.º de folhetos e fasc.	Proveniencias	Observações
Académie des Inscriptions et Belles Lettres, comptes rendus des séances de l'année de 1897.....		3	Da Academia	
Academia Venezolana correspondiente. — Discurso inaugural, su critica y su defensa	1		Offerta do sr. Perés	
Algumas noticias para a descripção historica dos logares de Alcaíça, Malveira e Carrasqueira do concelho de Mafra por J. J. d'Ascensão Valdez..	1		Offerta do auctor	
Algumas indicações sobre a arte de dourar por Francisco Liberato Telles de Castro e Silva.....	1		Idem	
Annuaire numismatique Suisse publié par Paul-Ch. Ströhl. 1. ^{er} année 1894 95.	2		Offerta do sr. Perés	
Ao Ex. ^{mo} Sr. João A. de Brissac das Neves Ferreira — Servindo a Patria — Homenagem ao valor e ao patriotismo, prestada pelos seus amigos do Porto. Archeologo Portuguez	6	1	Offerta anonyma Do Museu Ethnologico	São 3 n.º do 2.º vol. e 3 do 3.º
Archivio storico Siciliano — Pubblicazione periodica della Società Siciliana per la storia patria. . . .	2		Da Sociedade	
Associação das escolas moveis pelo methodo de João de Deus — Relatorio 1893-1896.	1		Da Associação	
Boletim da Associação dos Conductores de obras publicas.....	2		Offerta da Associação	
Boletim da Associação Industrial Portugueza	1		Idem	
Boletim da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes	3		Da Associação	Os n.ºs 8, 9 e 10
Boletim da Camara do Commercio e Industria de Lisboa	4		Da cam.ª do Commercio	Os n.ºs 1 a 10
Boletim da Direcção Geral de Agricultura.....	6		Do Min. das Obr. Publ	Os n.ºs 8 a 13
Boletim da Direcção Geral de Agricultura — Relatorio do veterinario do districto de Castello Branco....	1		Idem	
Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa . . .	6		Da Sociedade	Sendo 3 n.º da 16.ª s.ª
Bulletin de la Société des Beaux — Arts de Caen .	1		Idem	2.ª cad. do 9.º vol.
Bulletin de la Société Archéologique du midi de la France.	2		Idem	N.ºs 17 e 18.
Branco e Negro	13		Em troca do Bol. da A.º	Do n.º 78 a 90
Chronica dos Reis de Bisnaga — Manuscrito inedito do seculo xvi publicado por David Lopes.....	1		Da Soc. de Geographia	
Campanha (A) contra os Namarraes — Relatorio enviado ao Ministro e secretario d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar pelo commissario Regio da provincia de Moçambique.....	1		Do Min. da Marinha	
Cartas geographicas e topographicas, gravadas ou manuscriptas conservadas na bibliotheca publica de Evora, por Gabriel Pereira.....	1		Offerta do auc'or	
Catalogos de varias livrarias nacionaes e estrangeiras. Catalogo da exposiçõ de trabalhos de Leandro Braga no palacio do Ex. ^{mo} Marquez da Foz em 1897.	7		De differentes livrarias	
Codices de la Catedral de Tortosa por el Dr. D Ramon O'Callaghan.....	1		Offerta do sr. R Dias	
Construcção (A), orgão da Associação da classe dos Constructores Civis e Mestres de Obras	1		Offerta do auctor	
Contribucion al estudio del cafe en Venezuela por el Dr. G. Delgado Palacios	1		Offerta da Associação	Do n.º 1 a 31
Convento do Bom Jesus de Vizeu. Breve noticia historica por Maximiano de Aragão	1		Offerta do sr. Perés	
	1		Offerta do auctor	
	12	60		

Titulo das publicações	Numero de volumes	N.º de folhetos e fasc.	Proveniências	Observações
Dai-Nippon (o grande Japão) por Wenceslau de Moraes.....	12	60		
Diccionario de termos d'architectura, suas definições e noções historicas, com um indice remissivo dos termos correspondentes em francez pcr T. Lino d'Assumpção.....	1		Da Soc. de Geographia	
Estudios y observaciones por el Dr. Juvenal Anzola.	1		Offerta do auctor	
Estudos Eborenses — As questões do pão, por Gabriel Pereira.....	1		Offerta do sr. Perés	
Estudos historicos sobre a pintura por Maximiano de Aragão.....	1		Offerta do auctor	
Histoire de la maison royale de Lusignan par le chanoine Pascal.....	1		Offerta do auctor	
Hymno do centenario da India por Fernandes Costa.	1		Offerta do sr. Perés	
Indigena (o) de Satary — Estudo anthropologico por Fonseca Cardoso.....	1		Da Soc. de Geographia	
Interpretação de diversos artigos do codigo civil portuguez — Da caução — por Alfredo Leite Miguens	1		Offerta do auctor	
Jornaes (os) portuguezes, sua filiação e metamorphoses — Noticia supplementar alphabetica de todos os periodicos mencionados na resenha chronologica do jornalismo portuguez recentemente publicada pelo mesmo auctor, e agora correcta e augmentada por A. X. da Silva Pereira.....	1		Offerta do auctor	
Kongl — Vitterhets historie och antiqvitets akademis Monadsblad.....	7		Offerta do auctor	
Limites de los Estados Unidos de Venezuela.....	1		Da A. B. de B. Lettras, h. e antig. de Stockholm	
Memorias sobre a antiguidade pelo Dr. Antonio dos Santos Rocha.....	1		Offerta do sr. Perés	
Memoria historica do horriovel terremoto de 13 de Junho de 1841 que assolou a villa da Praia da Victoria da Ilha Terceira, por Felix José da Costa Junior.....	1		Offerta do auctor	
Novas inscripções romanas de Braga (ineditas) por Albano Bellino.....	1		Offerta do sr. R. Dias	
Obras poeticas — Rimas — por Leonidas Pallares Arteta.....	1		Offerta do auctor	
Quinta e palacio da Bacalhoa por Joaquim Rasteiro.	1		Offerta do sr. Perés	
Reino de Chandrapur — Uma invenção archeologica por Aleixo Clemente Messias Gomes.....	1		Offerta do auctor	
Regulamento para projectos, provas e vigilancia das pontes metallicas.....	1		Offerta do auctor	
Relatorio e contas da direcção do Albergue dos Invalidos do trabalho, respectivo ao anno economico de 1895-1896.....	1		Do M. das O. Publicas	Em duplicado
Relatorio e contas da gerencia do Asylo de D. Maria Pia relativas aos annos de 1884-1885 a 1893-1894.	1		Da Direcção	
Relatorio da Direcção da companhia de seguros — A Urbana Portugueza — e parecer do conselho fiscal. Gerencia do anno 1896.....	1		Da Direcção	
Revista de la Union Ibero-Americana.....	10		Da Direcção	
Revista de sciencias naturaes e sociaes.....	1		Da Associação	Faltam numeros
Religiões da Lusitania na parte que principalmente se refere a Portugal por José Leite de Vasconcellos	1		Da redacção	É o n.º 17 do vol. 3.º
Outro exemplar.....	1		Offerta do auctor	
Revista de la Asociacion Artistico — Archeologica Barcelonesa.....	5		Da Soc. de Geographia	
	29	88	Da associação	

Título das publicações	Número de volumes		Proveniências	Observações
	N.º	N.º de folhetos e fasc.		
Revista de Guimarães.....	29	88		
Smithsonian report to July 1894	1	1	Da redacção Da Inst. Smithsonian	Compreh. os n.ºs 2 e 3
Sociedade promotora de bellas artes em Portugal Exposições de 1862, 1.ª — 1864, 3.ª — 1867, 6.ª 1874, 10.ª — 1876, 11.ª — 1887, 14.ª	2	6	Offerta do sr. R Dias Da Sociedade	
Société Archéologique de Bordeaux.	2			
Stuck — Reliefs eines Tonnengewölbes aus der «Casa Farnesina» in Rom.....	1	1	Offerta do sr. Perés	
Subsidios para um dicionario de pseudonyms, inicias e obras anonymas de escriptores portu- guezes. Contribuição para o estudo da litteratura portuguesa por Martinho Augusto da Fonseca ..	1		Offerta do auctor	
Tatica de infantaria. Instruccion de batallon decre- tada por el general Joaquim Crespo presidente de la republica.....	1		Offerta do sr. Perés	
Teatro (il) Massimo Vittorio Emanuel in Palermo per G. B. F. Basile.....	1		Off. da Soc. dos Eng. e Arch. de Palermo	
Tiro (o) Civil — Exposição da Associação dos atira- dores civis Estrella	1	1	Offerta da Sociedade	
Tradiciones populares — Coleccion de cronicas y leyendas nacionales narradas por varios escriptores patrios... ..	1		Offerta do sr. Perés	
Troisième congrès international des Architectes ..	1		Do congresso	
Vida do Abba Daniel do mosteiro de Seofé — versão Ethiopica publicada por Lazarus Goldschmidt e F. M. Esteves Pereira.....	1		Da Soc. de Geographia	
Visita a Evora dos Engenheiros e socios da Asso- ciação dos Engenheiros Civis Portuguezes em 3 de Junho de 1897. Discurso de S. Ex.ª Rev.ª o Sr. Arcebispo de Evora aos engenheiros excu- rionistas por occasião da sua recepção no Paço Archiepiscopal de Evora.	1	1		
	38	99		
ADDITAMENTO				
Descripção minuciosa do monumento de Mafra pelo sr. Joaquim da Conceição Gomes.....	1		Offerta do sr. Cavallei- ro e Sousa	
Extractos do Archeologo Portugues, 1.º Museu Ethno- logico Portugues.....	2		Offerta do sr. Leite e Vasconcellos	
2.º Aos colleccionadores portuguezes	1		Idem	
3.º Museu Municipal de Bragança (1.º projecto do museu).....	1		Idem	
4.º Estudos sobre Panoias.....	1		Idem	
5.º Novas moedas da Salacia.....	1		Idem	
Instituto — Revista scientifica e litteraria.....	1		Da redacção	E' o n.º 10 do vol. XLIV
University of California	1			
	39	107		

ELOGIO HISTORICO

DO ARCHITECTO E ENGENHEIRO MÓR DO REINO
MANUEL DA MAIA,
LIDO NA SESSÃO SOLEMNE NA ASSOCIAÇÃO D'ARCHITECTOS
CIVIS PORTUGUEZES EM 25 DE MARÇO DE 1867,
pelo socio-artista
Joaquim da Costa Cascaes

Senhores — Em 30 de janeiro de 1864, fundárase oficialmente a primeira Sociedade d'Architectos Civis, em Portugal. — Planta, que nascera cerca da apenas pelos desvelos de poucos, eil-a senão emparelhando com esses gigantes do Libano, que occultam entre as nuvens suas fronte audaciosas, ao menos, viçoso arbusto, estrelado de flores delicadas, e de que, por ventura, também já pendem alguns fructos formosos e de sabor; os quaes, com o correr do tempo, melhor hão de ir crescendo e aperfeiçoando-se, Deus querendo. Os três annos que vão decorridos, desde a sua instituição, parece que nol-o afiançam: ella que sentira no berço o desconforto do que mal se abriga sob alheios tectos, vive hoje mais folgada, com o agasalho da casa propria, e servida não só dos poucos que entre nós a professam, mas por muitos dos primeiros architectos da Europa, nossos consocios, e de grande numero d'illustrações, especialmente nacionaes. Solemnisamos hoje o nosso 3.º anniversario; e oxalá, não seja eu o ultimo a concorrer para que se ostente condigna esta proveitosa festa, desempenhando-me menos conforme a meus desejos, da pesada tarefa, a que eu proprio talvez impensadamente me offerecêra, tentando fazer resurgir glorioso, nos fastos da architectura e engenharia portuguezas, o injustamente menos conhecido nome de um de seus mais illustres ornamentos — Manuel da Maia — esse cujo retrato hoje inauguramos, cumprindo-se assim um dos mais acertados preceitos do nosso regulamento interno, preceito, que tão vantajosamente mira ao progresso da arte, pois que, n'esse publico e solemne galardão conferido á memoria dos primeiros entre seus fallecidos cultores, se envolve, ao mesmo tempo, um nobre e poderoso estímulo aos vivos; estímulo, cuja falta, infelizmente vulgar, tem sido tantas vezes, como sepultura aberta aos maiores e mais distinctos commettimentos dos artistas portuguezes.

Nasceu Manuel da Maia, em Lisboa, depois do meado do seculo XVII, e talvez pelos annos de 1670 a 1680, se attendermos a que, principiára a servir como engenheiro, em 26 de maio de 1698, como elle mesmo declara em um requerimento dirigido a El-rei, quarenta annos depois (1738); e a ter fallecido em 17 de Setembro de 1768; isto é, depois de uma extraordinaria carreira, em que se contam

setenta annos de effectivo serviço ao rei e á patria. Nos primeiros vinte annos de praça subira Manuel da Maia ao posto de coronel, em 11 de novembro de 1718, tendo durante esse periodo desempenhado commissões variadas e importantes, já dirigindo as Fortificações de Lisboa em 1701, e as de Extremoz em 1703; ora, acompanhando, em 1704, el-rei D. Pedro á provincia da Beira, servindo durante aquella campanha de quartel mestre da Côte; depois superintendendo na fortificação de Abrantes, e ahi e em Tancos designando o local proprio para armazens de munições, cujas plantas traçara; logo, saindo com o exercito, que no outomno de 1705, fôra sitiar Badajoz, a cujo ataque assistiu, construindo então com tal acerto os fortes que defendiam as pontes do Guadiana, que isso lhe merecêra o posto de sargento mór; e já, sendo incumbido, pela Junta dos Tres Estados, da traducção de varias obras militares francezas, o que Manuel da Maia desempenhou, publicando — *O Governador de Praças, de Villi*, em 1708, e a *fortificação Moderna de Pfeffinger*, em 1713, obras em que por modestia occultára o seu nome, mas de tal valor, que a Academia das Sciencias não duvidou de as incluir no seu catalogo dos classicos; e finalmente, traçando a planta de Lisboa, que apresentára completa em 1718. Eis, em resumo, os trabalhos por elle executados nos primeiros vinte annos da sua carreira publica: trabalhos, que para qualquer servidor, ainda o mais zeloso, lhe seriam justo motivo de allegação, para futuras recompensas, mas que em Manuel da Maia são apenas um capitulo, ou antes prologo, na serie dos bons serviços, que posteriormente desempenhára.

No 2.º periodo de vinte annos, isto é, desde 1718 até 1738, vemol-o successivamente occupado em trabalhos de maior ou menor momento, mas sempre importantes, e por vezes transcendentis; ou seja levantando a planta do sitio de Buenos-Ayres e suas cercanias, obra de ardua execução, pela irregularidade do terreno; desenhando mappas geographicos e militares, confeccionando indices de bibliothecas, sinalando meridianas; balisando estradas, inquirindo de fundidores estrangeiros os seus methodos, que communicava aos nossos, executando sempre os desenhos indispensaveis por sua propria mão, e sem auxilio de coadjuvante, isto para maior segurança no trabalho, embora para elle muito mais penoso; já com multiplicadas traducções das linguas latinã, franceza, italiana e ingleza; depois, na indagação das aguas para o edificio de Mafra, cujo caminho demarcára, indicando por primeira vez, entre nós, uma construcção de repuchos, que evita a grande despeza das arcadas; systema por ventura precursor do de siphão, actualmente preferido, se não era o mesmo; o que

todavia não affirmamos, que a tanto não poderam chegar as nossas averiguações: e finalmente, na eleição do terreno para esse famoso aqueducto, cujo nome lhe proveu d'uma ribeira acima da villa de Bellas, a que chamam das Aguas-livres, commissão em que Manuel da Maia assiduamente trabalhara durante seis annos, desde 1728 a 1734, e com tal ponderação e acerto, que não só desfez a confusão em que se achava aquelle momentoso assumpto, e em que varios architectos haviam cingido, mas o reduziu a methodo exacto, seguro e conveniente, por onde depois se executára aquella fabrica monumental, primeira em seu genero, aqui, e na Europa, que assim o attestam auctores da maior gravidade, nacionaes e estrangeiros. Só destes vos citarei alguns, para melhor fugir assim a qualquer nota de suspeito. Diz o distincto academico M. de Bory na sua viagem a Portugal, feita por ordem do rei em 1753, fallando de Lisboa — *Un des plus beaux monuments est, sans contredit, son aqueduc: il est remarquable par sa longueur, puis que il amène les eaux de plus de deux lieues, mais plus encore, par sa largeur, et par la hauteur prodigieuse de quelques arches*—etc. O engenheiro Gauthey, a pag. 73 do seu livro, ainda hoje classico, relativo á construcção das Pontes, afirma que o nosso aqueducto — *est le plus considérable que l'on connaisse* — accrescentando, comtudo erradamente, e por modo difficil de acreditar, a quem o não lêsse, que uma tal obra fôra construida pelos romanos, no tempo de Trajano! *Risum teneatis!* Tal é o modo pouco seguro, com que ainda os mais sabios estrangeiros fallam, por via de regra, das coisas do nosso paiz.

Murphy, enfim, o entusiasta e justo avaliador da nossa Batalha, cujas bellezas popularisára com seus desenhos, diz que — *This aqueduct may be justly considered one of the most magnificent monuments of modern construction in Europe* — Manuel da Maya was the name of the architect, who designed, and superintended the execution of the above aqueduct.

Tal é o subido e auctorizado conceito em que é tida a obra do nosso engenheiro - architecto, bastante de per si a eternisar seu nome, e diga-se tambem, em graça da verdade, para dar honra e fama ao senhor rei D. João V, alma que se comprazia em commetter altas emprezas, sendo por ventura esta, senão a maior, de certo a mais util do seu reinado; em que se resolveu essa questão importantissima, por vezes tentada, mas debalde, havia muitos seculos. Sim, senhores, desde remotas eras, que a escacez d'agua era um mal que affligia os habitantes de Lisboa; e os proprios Romanos quizeram conduzir, para ella, as aguas livres, a ser certo o que nos refere João Baptista de Cas-

tro, no seu Mappa de Portugal. Dos nossos reis, a começar pelo Senhor D. Manuel, que chegára a incumbir o celebre illuminador Francisco de Hollanda, do desenho de um grande chafariz, para ser levantado na praça do Rocio; desenho que elle executára representando sobre uma columna a figura de Lisboa, cercada de quatro elephantes, por cujas trombas a agua devia repuchar: até o Senhor D. João V que realisára o grandioso pensamento, quasi todos tentaram de o levar por diante. No tempo do senhor D. Sebastião, vemos que D. Nicolau de Frias, mestre das obras da cidade, procedera á medição das aguas, como elle mesmo declara; Filippe III, não só recommendára se construisse o aqueducto, mas enviou a planta, e depois Leonardo Turriani seu auctor, que veio a Lisboa, tendo dado o parecer em 26 de setembro de 1620; e posto que esse interesse, que Filippe II mostrára pelos habitantes da capital, se possa antes attribuir a reconhecimento com o senado, pelas provas de exagerada dedicação por este dadas na sua real visita a Lisboa em 29 de Junho de 1619, ordenando custosas e brilhantes festas, nas quaes gastára (e aqui bate o ponto) mais de 600 mil cruzados, que tinha em cofre, destinados para o projecto de encanamento, devemos confessar, que, se Filippe não solveu a divida, pelo menos a reconheceu. Em 1683 procedeu-se a novas experiencias: as aguas foram medidas, mas não se julgando a sua qualidade proporcionada á despeza da conducção, o projecto foi abandonado.

No tempo do senhor D. Pedro II, um certo Antonio de Miranda offereceu-se para fazer a obra á sua custa, mas sob condições taes, que foram rejeitadas. Em 1700, o francez Dupinant fez propostas não só para a execução do aqueducto, mas tambem para a limpeza e illuminação das ruas, e extincção dos incendios; era porém individuo quasi desconhecido, sem meios e de muito pouca confiança (cavalheiro d'industria lhe chamam), pelo que o não admittiram: finalmente no reinado do senhor D. João V, por um conjunto de resoluções discretas e efficazes, definitivamente, no espaço de vinte annos, se levára a cabo esse famoso aqueducto, que, depois de haver percorrido uma extensão de quasi tres leguas, ora subterraneamente, ora sustentado sobre arcos, dá entrada, como que triumphantemente na capital, por um arco dorico, de singela mas bem proporcionada architectura, dito vulgarmente das Amoreiras.

Taes são os trabalhos de Manuel da Maia, durante o segundo periodo de vinte annos dos seus serviços; e vós, que acabaes de m'os ouvir relatar, maravilhados sereis, de certo, quando vos disser, que, no fim de tão longo tempo, e depois de trabalhos de tamanha valia, se achava ainda Manuel da Maia

no mesmo posto de coronel, como em 1718, como ha vinte annos; preterido, mais de uma vez, por engenheiros, cujas obras nem foram tão activas, nem tão distinctas, e compellido a requerer o posto de brigadeiro — elle, que merecera galardoado, pedindo apenas, modestamente, a reparação d'uma injustiça! Tão incerto fôra sempre o accesso na carreira das armas, quando regido por leis, por ventura theoreticamente mais sabias, que a da antiguidade unica, de resultado seguro na pratica, por ser de todo o ponto isenta de avaliações menos justas; d'essas que o despeito ou a inveja originam, e a intriga estatue; immutavel, como a successiva ordem dos tempos, cuja base é tambem a sua e quasi divina; emfim, o requerimento de Manoel da Maia foi attendido, sendo despachado brigadeiro em 7 de agosto de 1738. Durante os quarenta annos do ultimo periodo da sua carreira publica, vemos que melhor foi apreciado o singular merecimento do nosso engenheiro-architecto, merecimento já então brilhante de luz tão intensa, que nem mesmo, ao que parece, as sombras da intriga tentaram de o obscurecer, ou, por muito fracas, o não conseguiram.

E' o que nos dizem as seguintes mercês, com que successivamente fôra honrado — Fidalgo da Casa Real, em 8 d'abril de 1740 — Guarda Mór da Torre do Tombo, em 12 de janeiro de 1745 — Sargento Mór de Batalha, em 4 de novembro de 1750 — Mestre de Campo General e engenheiro mór do Reino, em 24 de janeiro de 1758 — Cavalleiro de Christo, em 4 de novembro de 1759; e além d'isto, mestre dos Senhores Rei D. José e Infantes D. Pedro e D. Carlos — Academico da Real Academia de Historia, e Chronista da Casa de Bragança.

Serviços de não menor momento foram os ultimos, que elle prestára. Calando outros de menos conta, passarei a referir-vos um, de tão pasmosa dedicação e valia, que de per si bastára a dilatar merecidamente a sua memoria illustre. — Ouvi e julgae.

Amanhecera o infausto dia 1 de novembro de 1755; os maiores edificios da formosa e vasta Lisboa, vel-os estremecendo em seus proprios fundamentos, que por compactos e subterraneos pareciam mais solidos; depois oscilando em furioso vai vem — depois, estalando com fragor desusado e horrivel, e sacudindo temerosamente seus membros desconjunctados, que na queda, vão dando, ao mesmo tempo, morte e sepultura a centenas de infelizes, que não logram escapar se; milhares de outros, tranzidos de medo, fogem desatinadamente, procurando um logar de refugio; soam gritos de dôr e de espanto! A anarchia da natureza, de todas a mais confusa e ensanguentada, triumphal! A' ruina,

succede o incendio! Ao horror, o horror!! — E é agora, é assim, é no meio d'esse pavoroso cataclysmo, em que os mais seguros animos vacillam, que Manoel da Maia, a quem estava confiada a guarda do Archivo da Torre do Tombo, situado então no Castello de S. Jorge, corre áquella fortaleza, rompendo por entre chammas e ruinas; espalha, no meio do cahos, a luz de um animo tranquillo, dando acertadas providencias, redobra de coragem, afronta o perigo; e quando cada um que foge, procura levar consigo o melhor de suas riquezas, elle triplice heroe, de valor, de desinteresse e de patriotismo, deixa que arda a propria casa, sem lhe acudir, para salvar, não como Eneas, a sua familia e os seus penates, mas mui bem melhor do que elle, para salvar esse thesouro precioso, que encerra o haver de muitos, e as glorias da patria! Que digno assumpto para um grande quadro! quadro de interessante e proveitoso estudo, pelo que tem de historico, sublime, pelo que tem de heroico, popular, pelo que tem de nacional.

Salvo o archivo, e abrigado provisoriamente em uma barraca de madeira, construida no mesmo sitio do Castello, cuida, para logo, o zeloso Guarda-Mór em que tudo seja melhor regulado, e posto em mais segurança e bom recado. Propõe a mudança para o edificio de S. Bento, onde ainda hoje se acha, e que se effectuára em agosto de 1757; pede e obtem, que na Torre do Tombo, o livreiro-impressor de El-Rei, entregue um exemplar de cada lei que imprimir; que á mesma, se recolham todas as Bullas e Breves, expedidas por este reino e seus dominios, e que, inconvenientemente, se achavam espalhadas por secretarias e bibliothecas; procede emfim, com tal actividade e zelo, que, em 1766, já elle havia organizado um corpo chronologico de 82:902 documentos, que andavam dispersos — 195 maços de outros, chamados das gavetas, com dois volumes de indices — 1 corpo de 13 maços de acclamações de Côrtes — 10 maços de moradias — 12 de Foraes antigos — 53 volumes de Tombos, etc. Depois de haver salvo o precioso cartorio é elle tambem agora, quem o restaura e amplia. Cinco dias antes de morrer, ainda Manoel da Maia era o seu guarda; guarda de vinte e tres annos, constante de infatigavel dedicação, agora, como no primeiro dia.

Pudestes apreciar — senhores — o valor subido de uma vida matisada por tantos e tão assignalados serviços; resta-me esboçar agora o delicado florão de suas qualidades moraes, que melhor a illustra e remata; e onde sobresaes essa flor, a mais mimosa de quantas ornão o jardim de todas as virtudes — a caridade — em que Manoel da Maia fôra acabado modelo. — Em pouco vos direi muito.

Desde a idade de doze annos, promettera elle á

Virgem do Pilar, de quem era devoto, repartir com os necessitados a terça parte de seus proventos; e assim o cumpria. Dotava annualmente 9 donzellas a 100\$000 réis; provia de cirurgião, botica e roupa lavada, o hospital dos Incuraveis; offertava mensalmente um rosario de pães aos presos do Limoeiro; soccorria a mendicidade com esmolas numerosas, e mais efflicazmente a pobreza envergonhada, a quem, no caso de doença, jámais faltava com o curativo e preciso alimento. Assim, esmaltava elle a sua corôa civico-artística, com os mais finos toques de um coração compassivo. — Dir-se-ia, que essa memoravel obra do aqueducto, desejada de tantos seculos, como que esperava por elle! Sim... Tratava-se de malar a sêde a 300:000 almas, e quem melhor para conceber e dirigir uma construcção, que realisava esse divino preceito, formulado na 1.^a obra de misericordia, do que Manoel da Maia, cujo saber abonava a idéa artistica, cuja virtude era fiança idonea de ardente zelo, em a levar a cabo?

Manoel da Maia

Aquelle que te honrou, sabedoria,
Que tantas, tantas vezes, oh pobreza,
A vibora fartou, que te roia!

BOCAGE.

Pouco sabemos da sua arvore genealogica; que era filho de Francisco da Maia, e nada mais. Isto porém nos basta, ou antes sobeja, pois que como diz Vieira: *«quando vos perguntarem quem sois, não vades revolver o nobiliario de vossos avós, ide vêr a matricula de vossas acções.»* E de feito, só o nascimento que importa? bem illustre fora o de Lucifer, nascido no c.u., e collocado no throno dos Seraphins, e comtudo, de patricio que era, desceu a confundir-se nas escórias da plebe. — Manoel da Maia foi as suas virtudes, foi os seus serviços; perenne fonte d'allivio para seus irmãos que penavam, gigante que assoberbava terremotos, por bem da causa publica. Este o nascimento, estes os filhos do benemerido celibatario, cujo retrato hoje solemnemente inaugura a Sociedade dos Architectos Civis Portuguezes, na sala das suas sessões — Ali o tendes: á esquerda e proximo da estatua do Condestavel; — d'esse que

..... na lança,
Que foi da patria amparo,
O grave corpo, impavido descança....

Manoel da Maia em casa de Nuno Alvares!... Oh! distincção singular, mas quão bem merecida. Sim, que um e outro illustraram a patria, arriscando por ella a vida; sim, que ambos honraram a arte, legando-nos, um, o famoso aqueducto, que ainda se ostenta orgulhoso e sem rival na Europa, o outro fundando este soberbo templo, glorioso pa-

drão da mais convicta piedade, e sabedoria artistica, e que ainda não ha muito jazia em desprezadas e immundas ruinas, mas que, graças á nossa Associação, é já, em parte, repositório de objectos apreciaveis, e logar de reunião. Disse... Não, não... Mais um instante... Uma lembrança, util de certo... por ventura feliz... Parece-me estar escutando agora a voz da patria, e pezar-me-ia de vol-a não transmittir... Ouvi-a... Senhores! Cumpre-vos concluir o que tão gloriosamente começastes. Não receeis. Olhae que é serviço duplamente artistico e nacional. Não pôde esta Sociedade, poderá o patriotismo do paiz, e ajudará a illustração do governo e da imprensa. Abri, e hoje, melhor talvez em sessão solemne, como o assumpto o demanda; abri uma subscrição nacional, para a reedificação da ultima morada de D. Nuno Alvares Pereira, mas com expressa condição, de que uma das suas capellas seja ornada por modo a receber e conservar dignamente os restos do immortal fundador, e todos concorrerão. Portuguezes, todos. E quem poderia faltar? Rei e nobres, que são o seu illustre sangue?!... O clero, de quem fôra poderoso e leal confrade?!... O povo, que concorria a visitar seu tumulto, para lhe tributar adorações de santo?!... Senhores. Vêde, que não ha aqui um louco, menos abastado, a pedir, se mandem fabricar joias de elevado preço, para ridiculamente se enfeitar, mas em vez d'isso o cavalheiro pundo-noso e de bom governo, pugnando pela conservação do antigo solar de seus avós. Não é mais um monumento que se pede, é a restauração do que já existe. Não é uma divida que se paga, é uma excommunhão de vergonha, que se levanta. — Oh! parece que, como para experimentar esses brios portuguezes, outr'ora proverbias, o violento cataclysmo de 1755 deixára incolumes os restos mortaes de D. Nuno Alvares Pereira!... Eia! Uma subscrição nacional, para o monumento do Condestavel — de

Nun'Alvares, que tomou sobre seus hombros,
A defensão do reino,
Amou a patria, o rei, e poz o cume
A' virtude, n'um claustro.
Com Deus na bocca, e Deus no intimo peito,
Empunhou sempre a espada,
Que descórra as hostes inimigas,
Com Deus, sempre ante a vista,
Dava são pareceres, gloriosos
No conselho ao rei luso.

FILINTO

Disse.

SENIOR — Diz Manuel da Maia que elle serve Vossa Magestade ha quarenta annos, no exercicio de Engenheiro, continuados de 26 de maio de 1689

até o corrente mez de maio de 1738, conseguindo nos primeiros 20 annos occupar o posto de Coronel, como consta da sua patente passada em 11 de novembro de 1718; na qual se relata, que occupou os postos de Ajudante e Capitão com o exercicio de Engenheiro, servindo juntamente de Apontador das Fortificações da Côrte e sua Marinha, quando se fortificou no anno de 1701 e subsequentes; e no anno de 1703 ter passado á Provincia do Alentejo fazer as plantas dos desenhos, e emendas da Praça de Extremoz, e Forte de S. Joseph, e no anno de 1704 conduzir um regimento Hollandez á Praça de Abrantes, e acompanhar ao Senhor Rei D. Pedro na jornada que fez á Provincia da Beira, servindo n'aquella campanha de quartel mestre da Côrte; ter assistido na Fortificação de Abrantes á medida das suas obras, e eleger assim n'aquella Villa, como na de Tancos, sitios para armazem de munições, fazendo as plantas para elles; e passando á Provincia do Alentejo sair com o exercito, que foi sitiado Badajoz no outomno de 1703, em cujos ataques assistiu, e fabricou os fortes, que seguravam as pontes do Guadiana, por cuja causa foi promovido ao posto de sargento Mór; e sendo encarregado pela Junta dos Tres Estados da traducção de alguns livros militares, deu á impressão os dois intitulados Fortificação Moderna, e Governador de Praças, com grande satisfação do dito Tribunal; e tendo dado boa conta do particular Serviço, que por ordem de Vossa Magestade lhe foi commettido da planta geral da Cidade de Lisboa occidental e oriental, que apresentou a Vossa Magestade completa no anno de 1718, foi Vossa Magestade servido mandar-lhe passar a patente de Coronel em 11 de novembro do mesmo anno; e pelo despacho de Mercês aos ditos 20 annos de serviço, a do Habito de Christo com 120\$000 réis de tença, tudo antes das occupações interiores do Paço, nas quaes entrou em 28 de junho de 1720. E porque nos segundos 20 annos tem continuado tambem no mesmo exercicio de Engenheiro, com a diligencia, que a Vossa Magestade é bem presente, dando inteira satisfação de tudo quanto se lhe tem encarregado, ou fosse na extracção de desenhos do sitio de Buenos Ayres, de que apresentou a Vossa Magestade um modelo exacto de todo aquelle terreno irregular e suas circumvisinhanças, de que por esta causa se faz mui ardua a sua execução, ou fosse na preparação, que o Marquez de Abrantes levou para Madrid, de que o supplicante fez tambem todos os desenhos necessarios; ou na eleição do terreno para a conducção das aguas-livres, em que trabalhou desde o anno de 1728 até o de 1734, de sorte não só desembaraçou a grande confusão, em que aquella materia se achava, mas a reduziu ao mais verdadeiro, seguro, e conveniente methodo de conduzir as aguas,

de que não ha outro exemplo, nem ainda advertido ou ponderado nos autores; ou fosse proxima-mente na indagação das Aguas para a Real Obra de Mafra, e a que não só demarcou o caminho, e fez a sua representação, alçado e ponderações, mas tambem descobriu um novo modo de repuchos, em que se salvam os inconvenientes dos repuchos ordinarios, para evitar as grandes despesas das Arcadas, o que com grande proveito se poderá evitar d'aqui por deante em semelhantes obras; não fallando nas multiplicadas occasiões de traducção das linguas latina, ingleza, italiana e franceza; de desenhos mapas geographicos e militares, de viveres, munições e gente de guerra; facturar os indices de Bibliothecas, sinalar Meridianas, assim em Mafra como em outras partes; balizar estradas em linha recta; e inquirir dos fundidores estrangeiros os seus methodos, para os communicar aos nacionaes, fazendo todos os desenhos por sua propria mão, sem necessitar nem costumar valer-se de desenhador nacional ou estrangeiro, para com mais segurança poder dar conta de suas operações, posto que á custa de multiplicado trabalho; por tanto

Pede a Vossa Magestade queira ser servido attender a que no tempo dos segundos vinte annos, em que elle supplicante tem servido a Vossa Magestade com o posto de coronel, e com maiores conhecimentos das materias, em tão continuadas diligencias, tem sido outros Engenheiros, servindo com muito mais descanso, melhorados de posto; não só uma mas muitas vezes, e alguns com soldos dobrados; e que á imitação destes parecia justo fizesse Vossa Magestade mercê ao supplicante do posto immediato de Brigadeiro de Infantaria com o exercicio de Engenheiro, e soldo dobrado, pois que ha tão largo tempo serve com um mesmo posto, e com o continuado exercicio, que a Vossa Magestade é patente.

E. R. M.

DESPACHO — Tendo consideração ao merecimento e serviços do supplicante, e ao mais que me foi presente: Hei por bem fazer-lhe mercê da patente de Brigadeiro de Infantaria com o mesmo exercicio de Engenheiro e soldo dobrado, em satisfação de seus serviços. O conselho de Guerra o tenha assim entendido e lhe mandará passar os despachos necessarios. Lisboa Occidental 7 d'Agosto de 1738.

REI.

EXTRACTO DOS OFFICIOS ENVIADOS Á COMMISSÃO
QUE A REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E
ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES
ENCARREGOU DE REDIGIR A REPRESENTAÇÃO AO GOVERNO
Á CERCA DOS MONUMENTOS NACIONAES

O revd. sr. Manoel dos Santos Torquato, presidente da junta de parochia de Lorrão, em officio de 29 de dezembro do anno passado, adhire ao pensamento da circular de 28 de novembro de 1897 e pede a nossa intervenção a favor do convento de Lorrão, edificio que foi fundado no seculo VI e que é um primor de arte que nos legaram os nossos maiores.

* *

O sr. José Pinto da Silva Ventura, nosso digno consocio, da Villa da Feira, officia-nos em 3 de janeiro do anno corrente e envia-nos tres photographias, sendo duas do antiquissimo castello da Feira, monumento que devia merecer aos poderes publicos a maior consideração.

«Se a nossa historia, diz o sr. Ventura, não o aponta como theatro de acontecimentos notaveis, todavia, é certo, que alguns factos historicos se relacionam com elle.

Quasi se deve a milagre a conservação d'aquelle velusto monumento que viu nascer esta nacionalidade.

O estar ainda de pé, deve-se, sem duvida, á veneração que o povo da Feira tem pelo seu castello; senão as suas pedras, testemunhas do passado, estariam a estas horas a servir de vedação a qualquer bouça ou empregadas na construção de qualquer estabulo.»

A outra photographia é do convento que havia na Villa da Feira.

* *

O sr. Manuel Vieira Natividade, socio correspondente, de Alcobaça, em data de 11 de janeiro, escreve-nos adherindo á circular.

Refere-se a um livro que tem no prelo, especie de relatorio das suas valiosas colleções, ornado com muitos desenhos dos objectos achados.

* *

O sr. Albano Bellino, socio correspondente, de Braga, officia-nos em 12 de janeiro.

Segundo as suas proprias palavras, applaude muito sinceramente a publicação da circular, mas duvida da sua efficacia.

Eis um extracto do seu officio:

«Existindo uma commissão que se denomina dos *Monumentos Nacionaes*, com devotadissimos vo-

gaes correspondentes nas principaes localidades do paiz, parecia-lhe conveniente que a nossa Real Associação se limitasse a interceder perante os poderes constituídos em favor das propostas emanadas d'aquelle benemerita Commissão, que já hoje dispõe de preciosos elementos para se formular o inventario dos monumentos e objectos d'arte.

«A *Commissão dos Monumentos* approvou ultimamente, por indicação minha, as egrejas romanicas de S. Pedro de Rates, S. Christovão de Rio Mau, S. Salvador de Font'Arcada e a de S. João Baptista de Villa do Conde, e já lhe propuz mais as egrejas de S. Salvador d'Arnozo e de Serzedello, tambem formosissimas construccões do seculo XII.

«A profanação dos monumentos provém, quasi sempre, da ignorancia do povo. Prove-se-lhe pois que existiram ali conventos antiquissimos, que este ou aquelle logar foi theatro de grandes façanhas, e ver-se-ha como esse povo se ufana e exalta a importancia da aldeia que lhe foi berço.»

* *

O sr. D. José Pessanha, de Lisboa, no seu officio de 23 de janeiro, depois de nos dirigir palavras captivantes que muito lhe agradecemos, declara-se incondicionalmente ao serviço da causa patriotica, cuja defeza iniciámos, e afirma-nos que podemos contar com o seu entranhado amor pela Arte e com o seu sincero desejo de ser bom portuguez.

* *

O rev.^{mo} monsenhor conego Joaquim Maria Pereira Botto, nosso digno consocio, de Faro, em officio de 26 de janeiro, elogia o nosso patriotico emprehendimento e diz que não abdica do seu constante proposito de zelar pela salvaguarda dos monumentos nacionaes, que de tanta protecção carecem.

* *

A Direcção do Gremio Artistico, de que é presidente o ex.^{mo} sr. Antonio Ramalho Junior, em officio de 27 de janeiro, accusa a recepção da nossa circular, e adhire incondicionalmente «aos levantados intuitos a que ella obedece, promptificando-se a secundal-os pela fórma estabelecida na mesma circular.»

(Continua)

Rectificação

No *Boletim* n.º 10, pag. 151, col. 2.ª, linha 50, onde se lê: —

«o que é para duvidar» — deve ler-se: — «o que não é para duvidar» —